

ILUSTRAÇÃO



2º ANO
NUMERO 40

Lisboa, 16 de Agosto de 1927
A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

PREÇO
4#00

Urotropina efervescente

Schering



DE SABOR EXCELENTE DE INEXCEDIVEL EFICÁCIA

A Urotropina efervescente Schering é manipulada sob a base da Urotropina original Schering, que tem sido comprovada por uma experiência clínica de 30 anos como um medicamento preventivo e curativo o mais poderoso contra as doenças infecciosas, especialmente das vias urinárias, biliares e intestinais. A Urotropina efervescente Schering é uma bebida extremamente agradável e um medicamento sob todos os pontos eficaz.



Tudo é relativo

Um segundo debaixo d'agua..... é longo !
 Um minuto no fôgo..... é longo !
 Uma hora de estudo..... é longo !
 Um dia sem pão é longo !
 Um ano de prisão..... é longo !

*Mas, um mês de férias
 Oh! como é curto!*

As férias acabam : ficam as vossas fotografias “Kodak”

Ha muitos dias preciosos muitos minutos incomparaveis, numerosos segundos de alegria, de prazer, e de felicidade, que durante toda a vossa vida vos será possivel reviver ao folheardes o vosso Album de instantaneos “Kodak”.

Reviveréis as vossas férias nas vossas fotos “Kodak”

Todos os bons negociantes de artigos fotogrâficos vos mostrarrão com prazer a superioridade dos Aparelhos “Kodak” e vos facultarrão todos os elementos para conseguirdes um bon resultado.

“Kodaks Vest-Pocket Autogrâficos”..... desde. 110 \$:00
 “Brownies” de Caixa, para crianças..... desde. 50 \$:00

Para resultados garantidos adquira :

Aparelho “Kodak”
 O “Kodak” não tem senão os órgãos e accessorios indispensaveis ; com ele o amador poderá obter as melhores fotografias positivas.

Película “Kodak”
 Ao adquirirdes um rolo de Película “Kodak” - em embalagem amarela, podeis estar seguro de que obtereis boas fotografias.

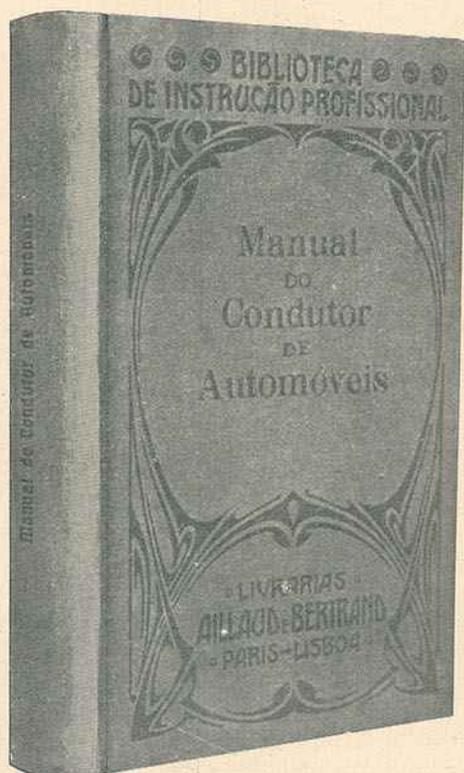
Papel “Velox”
 As melhores provas que podereis obter de qualquer dos vossos negativos são as que tiverem impressas no verso a palavra “Velox”.

Kodak Limited, 33, Rua Garrett, Lisboa.

AOS CONDUTORES DE AUTOMÓVEIS

RECOMENDA-SE

ÊSTE MANUAL



COMO IMPRESCINDIVEL
PARA A SUA EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL, POIS
CONTÉM A

Discrição do aparelho motor, motores e seu funcionamento, lubrificação, carburação, alimentação de gasolina, arrefecimento do motor, principios de electricidade e inflamação. Orgãos auxiliares, transmissão, arranque, leito, molas, eixos, direcção, rôdas, pneumáticos, câmaras de ar e iluminação. Caixa de carros e seus acessórios, aparelhos de alarme.

Condução e avarias. Tipos de automóveis, leitos (châssis), caminhões, motocicletas. Garage, conservação e reparação, indicações úteis, tabélas, legislação, etc., por

ANTONIO AUGUSTO MENDONÇA TAVEIRA

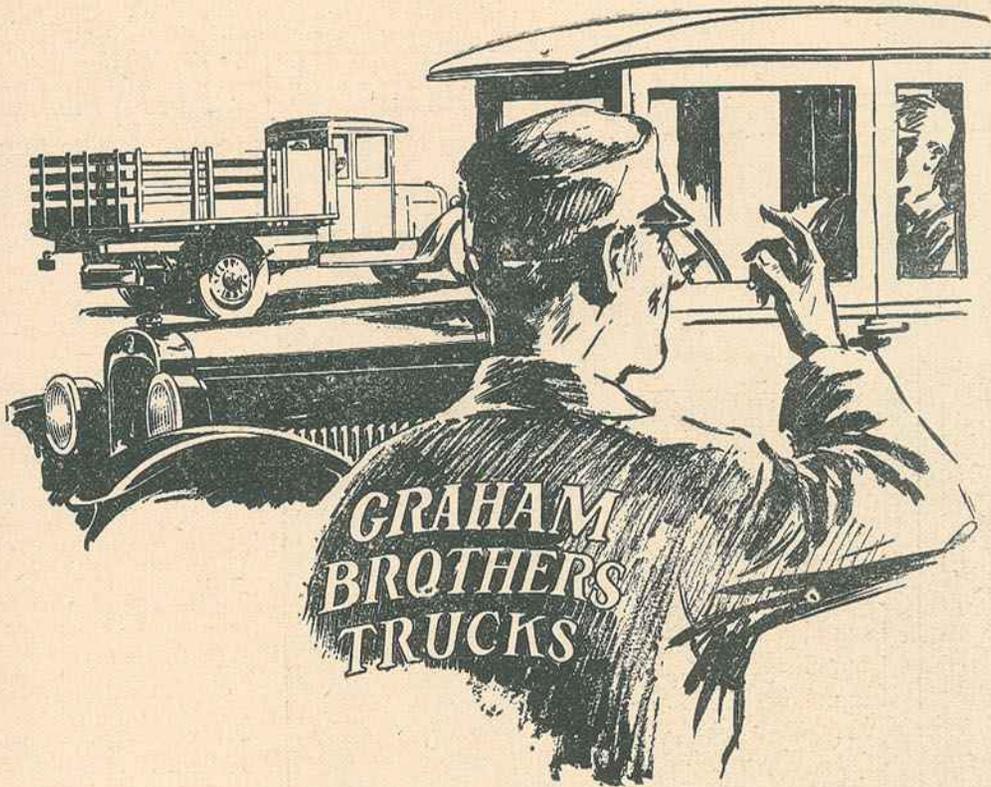
UM VOLUME DE 664 PÁGINAS ENCADERNADO EM PERCALINA

ESCUDOS 24\$00

PEDIDOS AOS EDITORES:

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA



Serviço!

Os auto-camions Graham Brothers, assim como os automoveis commerciaes e os auto-omnibus, são construidos tão simples e rijamente que só necessitam pequena attenção.

Mas estão sempre promptos para o serviço quando é necessario. Não ha atrasos por ter de se esperar por peças de reparação. Ha existencia completa de peças genuinas sempre á disposição.

As peças de reparação Graham Brothers são fabricadas com o mesmo esmero e materiaes de alta qualidade que os proprios auto-camions.

Os auto-camions Graham Brothers são construidos para bom serviço de transporte e ha todos os recursos á disposição para os conservar a trabalhar.

Os auto-caminhões Graham Brothers, juntamente com os automoveis de commercio de 3/4 de tonelada, preenchem 91 % de todos os requisitos de transporte.

BERNARDINO CORRÊA, LTD.

SECÇÃO DE AUTOMÓVEIS

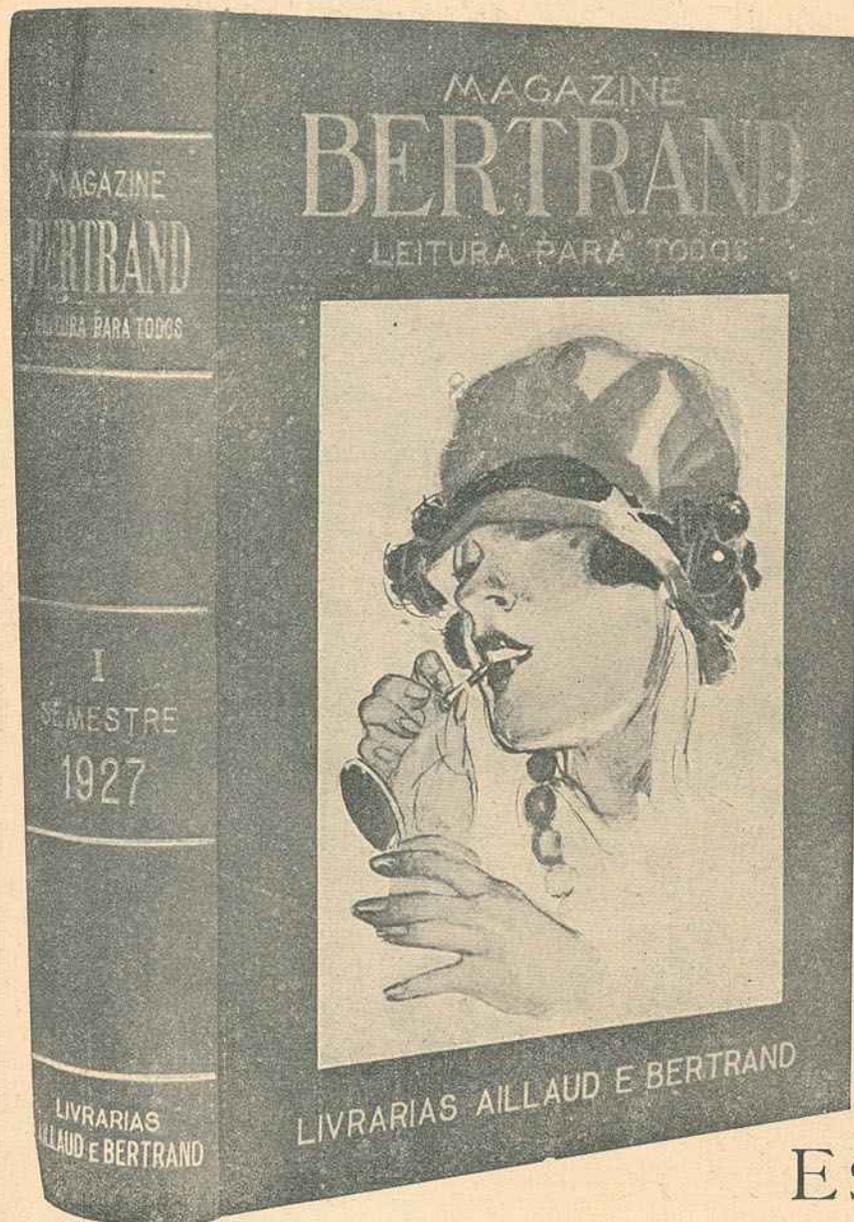
LISBOA — PORTO — LOANDA

CAMINHÕES GRAHAM BROTHERS

CONSTRUIDOS PELA DIVISÃO DE CAMINHÕES DE DODGE BROTHERS, INC. VENDIDOS POR AGENTES DODGE BROTHERS EM TODA A PARTE

CAPAS PARA ENCADERNAÇÃO

DO



CAPA PROPRIA
EM PERCALINA
COM
FERROS A OIRO
E ILUSTRADA

Esc.: 7\$00

CAPA
E ENCADERNAÇÃO
(CADA VOLUME)

Esc.: 10\$00



I ANO

1.º Semestre

CADA VOLUME
ENCADERNADO

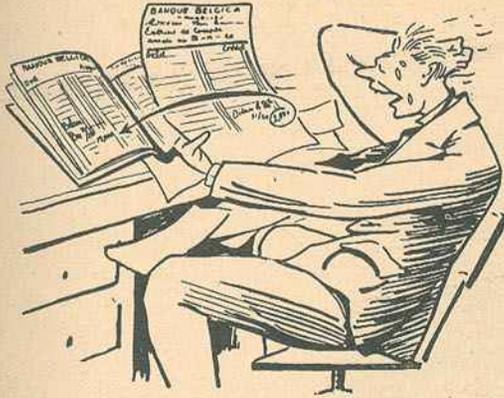
Esc.: 40\$00

PEDIDOS AOS EDITORES:

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

Todos os colecionadores e assinantes do «MAGAZINE BERTRAND» que queiram encadernar o 1.º semestre, devem remeter à redacção, Rua Anchieta, 25, os n.ºs 1 a 6. Os volumes devem ser encadernados com as páginas dos anúncios e respectivas capas de brochura.



Roubado!!...

Não hesiteis na compra de uma maquina «TODD» para proteção dos vossos cheques.

J. GONÇALVES

Calçada do Carmo, 10
Rua 1.º de Dezembro, 60

LISBOA



Agradavel e Salutar.

Cuide da vossa saúde para a conservardes por muito tempo, tomando todos os dias um pouco de saes de fructa ENO, num copo d'agua morna ou fria, conforme se preferir.

O ENO é um producto efervescente contendo muitas das propriedades benéficas da fructa fresca. Laxativo ideal muito suave e inofensivo, o ENO facilita a digestão, estimula o fígado e regula o intestino. O ENO vivifica igualmente o organismo e assegura a pureza do sangue. Ha mais de 50 anos que o ENO é considerado como o guarda vigilante da saúde.

Uma colher das de café, num copo d'agua, de manhã e á noite.

Depositarios em Portugal:
ROBINSON, BARRDSLEY & Co. LTD.
8, Caes do Sodré, Lisboa.

As palavras "Fruit Salt" - "Sal de Fructa" e "ENO", assim como o titulo, são marcas da fabrica registadas.

SAL de FRUCTA

ENO

"FRUIT SALT"

ASSINAI A

ENCICLOPÉDIA PELA IMAGEM

A MAIS INTERESSANTE E INSTRUCTIVA
DAS PUBLICAÇÕES FEITAS EM LÍNGUA PORTUGUESA

Na ENCICLOPÉDIA PELA IMAGEM, a imagem metódicamente agrupada numa secção ordenada e lógica, ensinanos mais e melhor do que a mais extensa explicação. A ENCICLOPÉDIA PELA IMAGEM abrange todos os ramos dos conhecimentos humanos: *História, Geografia, Ciências, Arte, Literatura, etc.*

A cada assunto ella consagra um volume maravilhosamente illustrado com 150 gravuras acompanhadas de um texto claro, fácil, atractivo e apenas de 64 páginas. A colocação destes volumes formará a Enciclopédia mais rica e mais interessante até hoje publicada.

VOLUMES A PUBLICAR, O TERCEIRO DOS QUAIS
SAÍRÁ EM AGOSTO DE 1927

ARTES:—*Historia da Arte. — As catedrais Portuguesas. — Os Paalacios e solares Portugueses. — Lisboa. — Rio de Janeiro.*

SCIÊNCIAS:—*A T. S. F. (telegrafia sem fios). — O céu. — O mar. — Os animais — Os motores.*

GEOGRAFIA:—*As Raças humanas.*

HISTÓRIA:—*Joana d'Arc. — A Mitologia. — A Revolução Francesa, etc., etc.*

Preço de cada volume 3\$50 — UM VOLUME POR MES



ENCICLOPÉDIA PELA IMAGEM
**AS RAÇAS
HUMANAS**

LIVRARIA CHARDRON
PORTO

Depositários em Lisboa: LIVRARIAS ALLAUD E BERTRAND
73 — Rua Garrett — 75

CAPAS PARA ENCADERNAÇÃO

DA

I ANO

2 VOLUMES

1.º e 2.º Semestres

II ANO

1.º Semestre

Cada volume
encadernado

ESC. 68\$00

Capa em percalina
com ferros especiais
por cada volume

ESC. 12\$00

Capa
e encadernação
(cada volume)

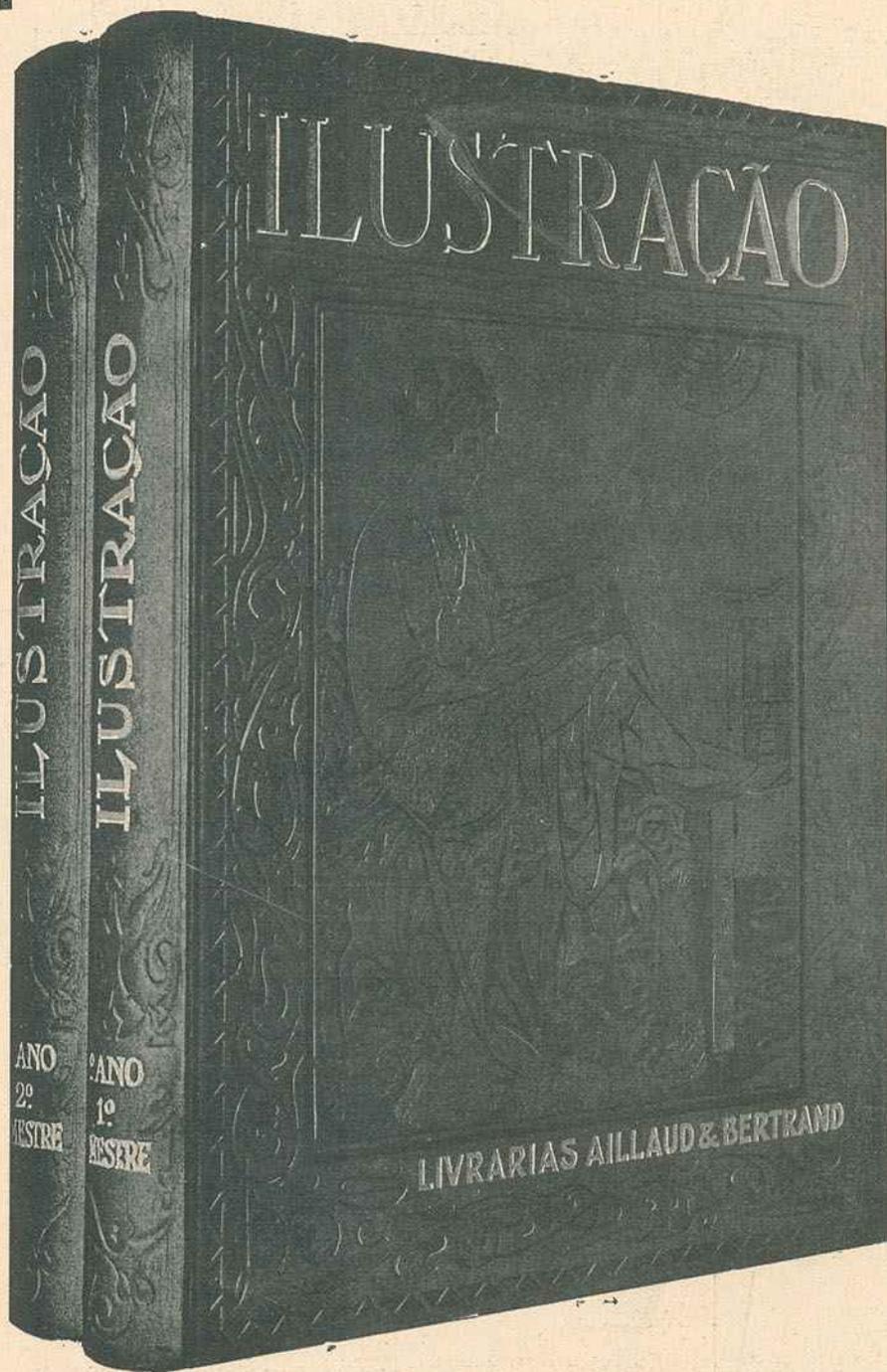
ESC. 20\$00

■ ■ ■

Pedidos aos editores:

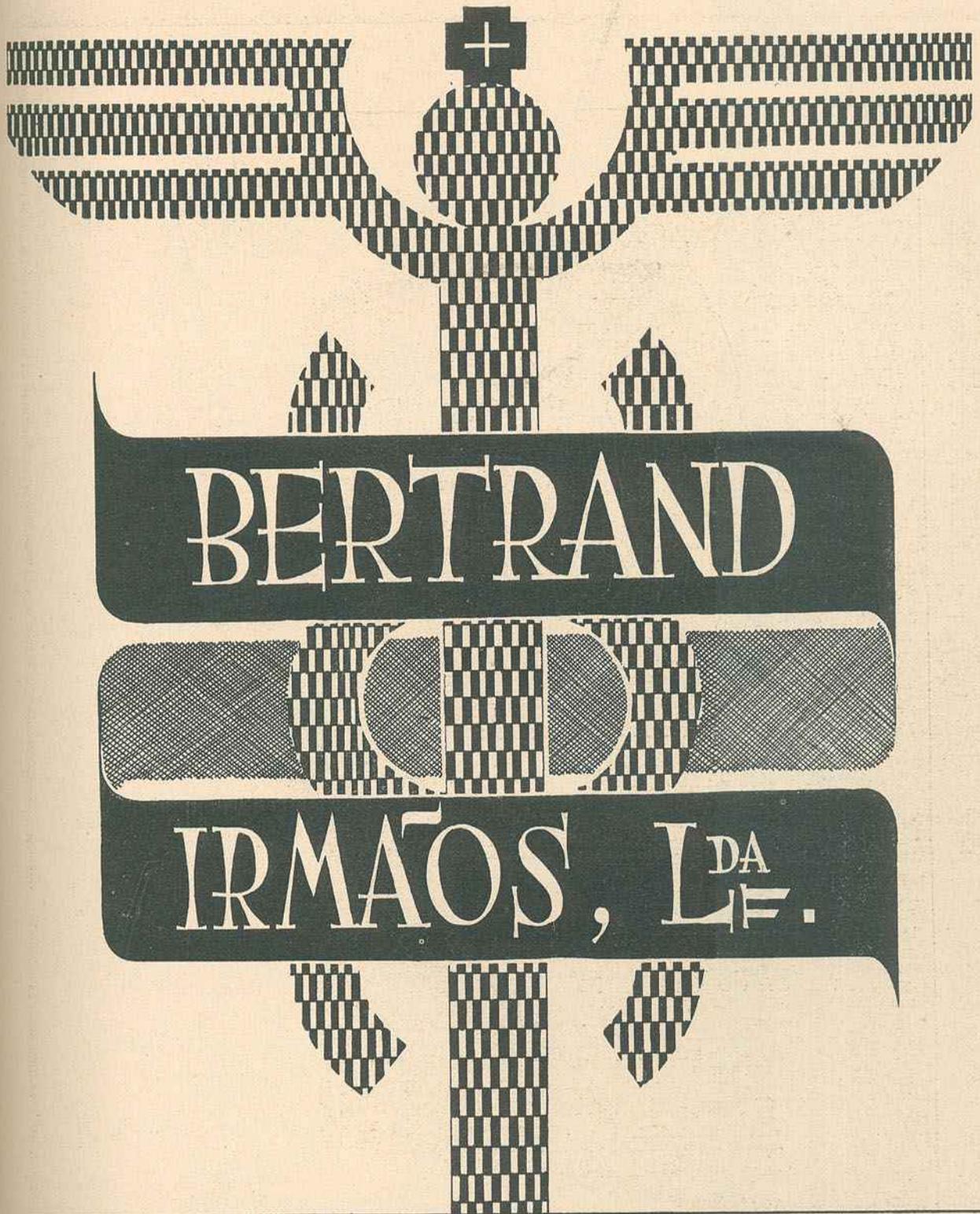
LIVRARIAS
AILLAUD
E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA



Todos os colecionadores e assinantes da «ILUSTRAÇÃO» que queiram encadernar os 3 volumes, devem remeter à redacção, Rua Anchieta, 25 — Lisboa, os números 1 a 12 para o 1.º volume, os números 13 a 24 para o 2.º volume e os números 25 a 36 para o 3.º volume.

Os volumes devem ser encadernados com as páginas dos anúncios e respectivas capas de brochura.



FOTOGRAVADORES

T. DA CONDESSA DO RIO 27
L I S B O A

TEL. T. 96.

R



Proteja

o seu Automovel!

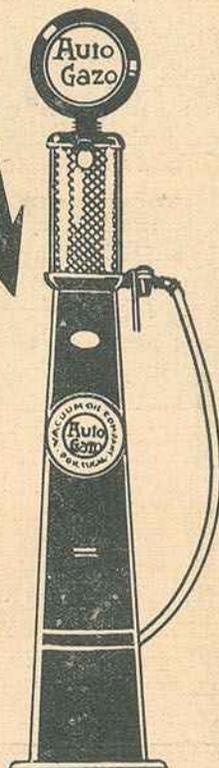
Evitando uma gasolina inferior, que é, muitas vezes, a causa das «pannes» desagradáveis e das reparações dispendiosas.

Para o bom funcionamento do motor do seu carro

Exija sempre

Auto-Gazo

A Gasolina que inspira confiança



VACUUM OIL COMPANY

RUA DA HORTA SECA, 15-17. TELEFONE: 980 TRINDADE (7 LINHAS)

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIPOGRAFIA
DA «ILUSTRAÇÃO»

R. d'Alegria, 30—Lisboa

ILUSTRAÇÃO

Propriedade e Edição:

AILLAUD, L.^{DA}

R. Anchieta, 25—Lisboa

DIRECTOR:
JOÃO DA CUNHA DE EÇA

DIRECTOR-TÉCNICO:
FELICIANO SANTOS

ANO 2.º — NÚMERO 40

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

16 DE AGOSTO DE 1927



DOIS HERÓIS DA TRAVESSIA AÉREA DO ATLÂNTICO — RAMON FRANCO, TRIPULANTE DO «PLUS ULTRA» E O ALMIRANTE GAGO COUTINHO, EXAMINANDO O SEXTANTE DA INVENÇÃO DO GLORIOSO AVIADOR PORTUGUÊS, QUANDO DA RECENTE VISITA A LISBOA DO ILUSTRE PILOTO ESPANHOL.

NA CAPA: Casa quatrocentista em Viana do Castelo — Aguarela de Alberto de Sousa

CRÓNICA DA QUINZENA

Não fomos os primeiros, na Europa, a inscrever na lei a obrigatoriedade do ensino primário; mas também não fomos os últimos, como seria natural, dado o nosso vésio de retardatários.

Ainda não ia em meio o século XVIII e já o ensino primário era obrigatório na Suíça, sendo esta providência legislativa adoptada na Alemanha um século mais tarde. Em Portugal foi o marquês de Palmela que decretou esta obrigação, o que tanto faz dizer que temos o ensino primário, *obrigatório na lei*, há quasi um século. Imagine-se a que proporções mínimas estaria hoje reduzida a nossa mancha de analfabetismo, se os governos deste pobre País, constantemente desgobernado, inúmeros desde 1832, tivessem empenhado um esforço patriótico e inteligente para que a obrigatoriedade da lei se traduzisse na realidade dos factos.

Condorcet, filósofo e homem de sciência, um dos mais ilustres nomes da Revolução Francesa, preconizou o ensino primário superior na *Assemblée* de 1791, de que fazia parte. Pois este ensino, se não estamos em erro, só veio a ser estabelecido em França, por Guizot, aí por 1833, isto é, bons quarenta anos depois de Condorcet se ter morto com veneno, como Sócrates, para livrar a Revolução da infâmia de o matar. — Caminha-se mais depressa no campo das ideas que no terreno dos factos, o que de certo modo garante o equilíbrio social, sem impedir a marcha para a frente.

A obrigatoriedade do ensino primário tem de entender-se como uma obrigação que o Estado impõe aos pais ou tutores das crianças, às pessoas que, por qualquer título, delas tem encargo, e como uma obrigação imposta ao Estado pela Sociedade.

Dizer ensino obrigatório, o mesmo é que dizer obrigação de frequentar a Escola, porque é aí, na quasi totalidade dos casos, que esse ensino se faz. E o número de Escolas devidas à filantropia individual, é verdadeiramente insignificante, uma aqui, outra além, podendo bem dizer-se que muito pouco ou nada representam como instrumento de luta em favor da instrução primária.

Como pode o Estado obrigar à frequência escolar se elle não faz Escolas, sabendo muito bem que as não há em número sufficiente para a população infantil que deve ser obrigada, por lei, a frequentá-las?

Numa Sociedade que se administra bem e

possui a clara noção dos seus mais altos interesses, para tudo poderá faltar o dinheiro, excepto para a Instrução e para a Assisténcia.

Disse ainda outro dia o Ministro da Instrução que a nossa percentagem de analfabetos é de 70, e averiguámos nós, há tempos, nas estações officiais, que em todo o País há 400:000 crianças que não tem lugar na Escola!

A Monarquia Constitucional legislou abundantemente sobre instrução, mas legou à República um ensino caótico e deficiente, em todos os graus, desde a Escola primária à Universidade, a única Universidade que então havia no País, a de Coimbra, fábrica de bachareis com algumas letras e manhas, e de teólogos, com algumas manhas e devoções.

Quem se der ao trabalho de compulsar a nossa legislação referente ao Ensino primário, desde que foi abolido o Despotismo até que foi proclamada a República, facilmente reconhecerá que não foi por carência de leis que o Constitucionalismo deixou de realizar a sua função democrática, transformando lentamente, mas sucessivamente, em povo, o que era apenas rebanho. Simplesmente essas leis não se executavam, sucedendo-se as reformas à medida que se sucediam os governos, como se em cada um deles houvesse pelo menos um Pombal.

A República pouco mais e pouco melhor tem feito que a Monarquia, sendo certo que temos hoje, aproximadamente, a mesma percentagem de analfabetos que tínhamos, quasi o mesmo número de Escolas primárias que ella nos legou, com o mesmo apetrechamento miserável.

Em dezassete anos, que tantos conta já de existência a República, bem se podia ter feito alguma coisa em beneficio do ensino primário, construindo as Escolas necessárias para nelas receberem o pão do espirito as centenas de milhares de crianças postas à margem da civilização. Um País vale, principalmente, pela sua população, isto é, pelos seus habitantes, e os seus habitantes valerão muito pouco se não forem saudáveis e vigorosos, aliando à saúde e ao vigor do corpo a saúde e o vigor do espirito, isto é, se como *animais* não forem fortes, e como *homens* não forem instruídos.

É de 70 a nossa percentagem de analfabetos?

Isto quer dizer que em seis milhões de

habitantes há quatro milhões e duzentos mil que ignoram absolutamente a leitura e a escrita, que não sabem fazer, com a pena ou com o lápis na mão, a mais simples, a mais elemental operação aritmética. E como estamos em regime de República democrática com base na soberania da Nação, somos forçados a reconhecer que a maior porção dessa soberania reside nos cidadãos para quem o alfabeto é um mistério impenetrável, como da Eucaristia ou Redenção.

O Estado, faltando a um dos seus mais imperiosos deveres, não cria escolas, não torna acessível a instrução primária, o ensino elemental, ao gróso da população, as centenas de milhares de crianças que não podem ter mestre em casa, economicamente escravos pela miséria e intellectualmente escravos pela ignorância. Essas crianças tornam-se cidadãos, pagam impostos, servem no Exército ou na Armada, são membros do povo soberano; mas porque não sabem ler não lhes é lícito votar, privados dum direito que é a mais alta expressão daquela soberania que elles incarnam, em parte, segundo uma ideologia política que vem dos fins do século XVIII.

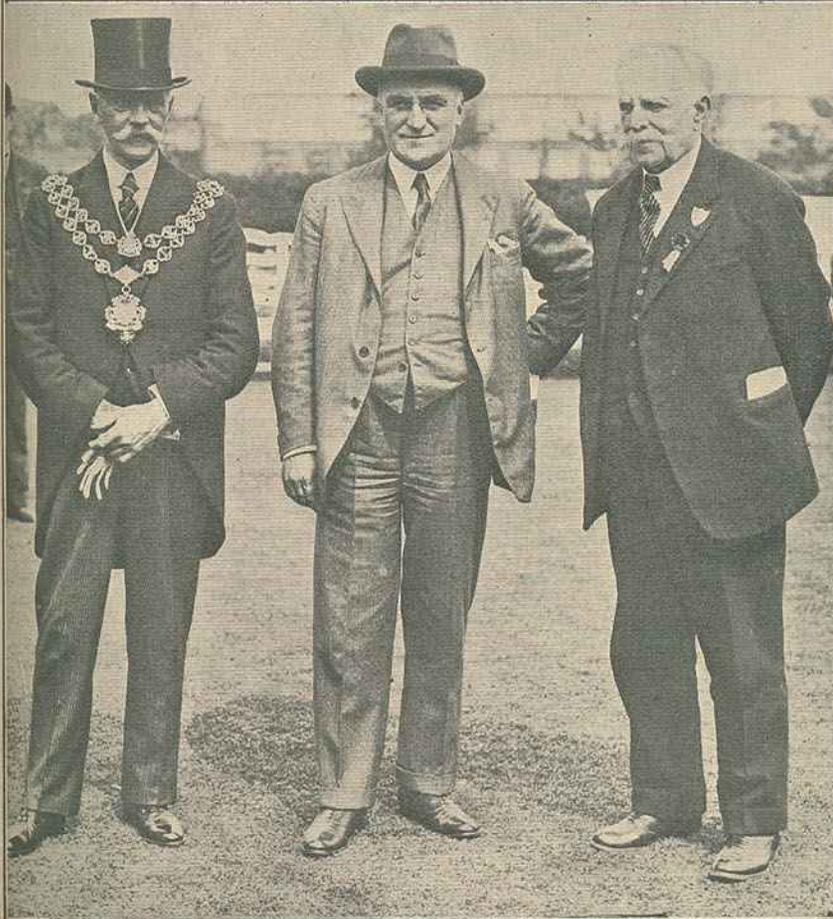
Bem sabemos que as Escolas se não fazem com palavras, e que a assisténcia às crianças pobres, tornando-lhes a instrução gratuita, inteiramente gratuita, para que possa ser rigorosamente obrigatória, se não faz com pouco dinheiro. Mas é preciso considerar a instrução do povo como um elemento de defesa nacional, e salta aos olhos que um País que não pode, não sabe ou não quer prover à sua defeza, está à mercê da ambição de estranhos, sendo discutível se tem direito a viver.

Porque não se há-de dizer?

Há uma oligarquia económica, financeira e intellectual empenhada em manter o povo na miséria e na ignorância, porque esta degradação, no seu duplo aspecto, é a condição indispensável da sua felicidade impudente, dos seus triunfos provocadores.

Não pedimos uma corrida, com touros de morte, em beneficio da Escola; mas será excessivo pedir que se dê um pouco de pão do espirito, na linguagem dos Evangelhos, a quatro milhões e duzentos mil portugueses que andam por aí às escuras, tacteando nas trevas, como se não inundassem o País os fulgores da Democracia?

ACTUALIDADES



Em cima: Assistência ao banquete oferecido pelo sr. dr. Yanguas Messia, presidente da comissão espanhola para a resolução da questão das quedas de água do Douro, à comissão portuguesa que celebrou, com aquela, o respectivo acôrdo, há dias assinado.

Em baixo (à esquerda): o sr. dr. Magalhães Lima, presidente da Associação Internacional dos Representantes da Imprensa, com o lord-mayor de Birmingham e o sr. George Beharrell, quando do recente congresso internacional de imprensa, realizado em Inglaterra; *(à direita)*: a placa oferecida pela colônia portuguesa de Santos aos tripulantes do «Argos»

ACTUALIDADES



Em cima: Grupo atlético do Ateneu Comercial de Lisboa, que tomou parte na festa desportiva, promovida com grande brilho pela Liga de Melhoramentos e Recreios de Algés. — *À direita:* A distinta professora de piano, D. Helena da Câmara Casaleiro, com o grupo de alunas cuja apresentação f.z na Liga Naval, no mês findo. — *Em baixo:* O ilustre h mem de sciência, D. António Xavier Pereira Coutinho, a quem recentemente um grupo de seus ex-alunos promoveu uma manifestação de homenagem, fotografado com os seus netos. — *Na oval:* A sr.^a D. Maria de Lourdes Malheiro da Veiga Ferrão, que obteve a mais elevada classificação no curso de piano, no ano lectivo findo



ACTUALIDADES



Assistência a uma festa americana, realizada numa das principais termas portuguesas



Grupo de alunos do curso teológico-jurídico de 1884-85, que iniciou as reuniões de confraternização dos cursos e que há dias teve, em Coimbra, a sua reunião anual. Deste curso faz parte o atual prelado, Bispo-Conde de Coimbra, D. Manuel Coelho da Silva

ACTUALIDADES



Na oval: o sr. Johan Voetelink, antigo vice-consul de Portugal em Amsterdam e a quem o nosso país deve uma carinhosa dedicação e assinalados serviços.

À direita: grupo de assistência à inauguração das novas instalações da Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portugueses, vendo-se, no centro, o décano dos autores dramáticos, Henrique Lopes de Mendonça



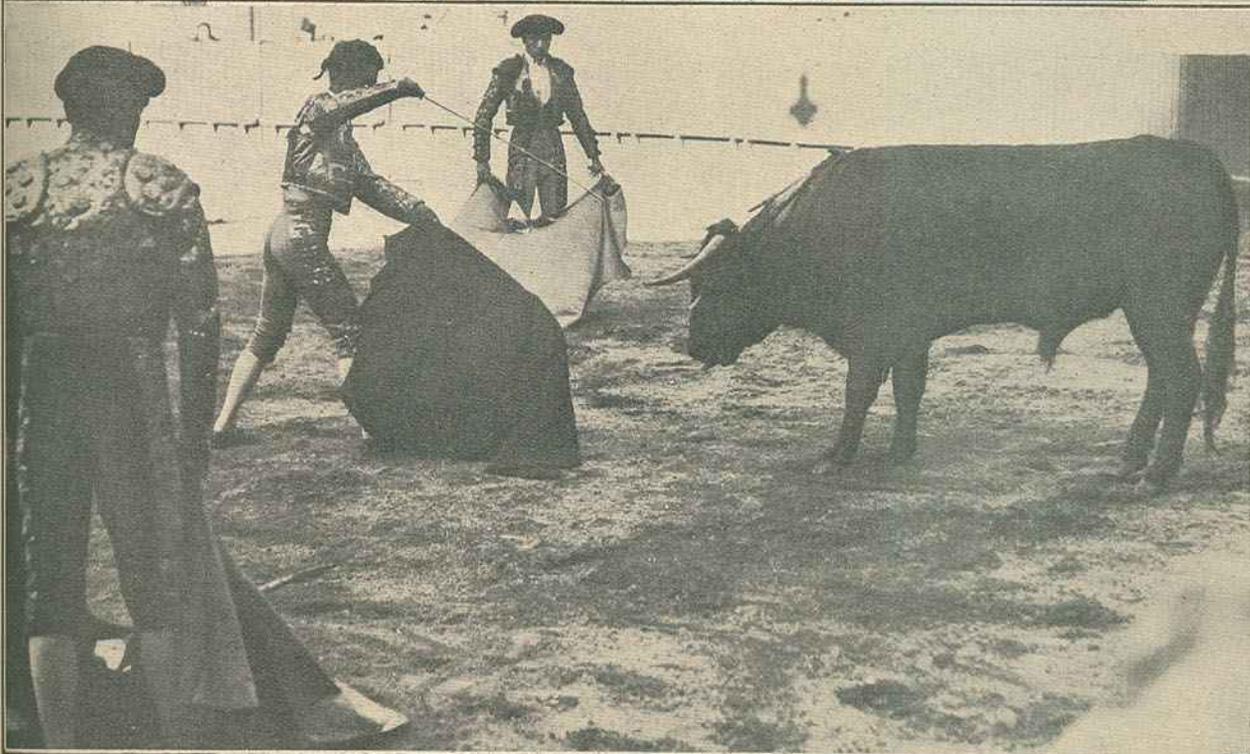
À esquerda: a sr.^a D. Maria da Conceição Pimenta e o sr. Nicácio Taboada Rodrigues, à saída da igreja de Santa Isabel, onde realizaram o seu casamento, no dia 7 do corrente

Em cima: assistência ao casamento da sr.^a D. Alda Rocha Abrantes Cardoso com o sr. Rui Seabra Mascarenhas, realizado na paróquia do Luso

À direita: a sr.^a D. Maria Teresa da Cunha Infante e o sr. Amadeu Garcia Pereira, que recentemente se consorciaram na Sé de Castelo Branco, sendo celebrante o reverendo Albano Garcia Pereira, irmão do noivo



ACTUALIDADES



Assistência à corrida, em benefício do Cofre das Viúvas e Orfãos da Polícia, em que se restaurou a morte do touro, como remate da lide — Um aspecto da lide: entrando a matar

ACTUALIDADES



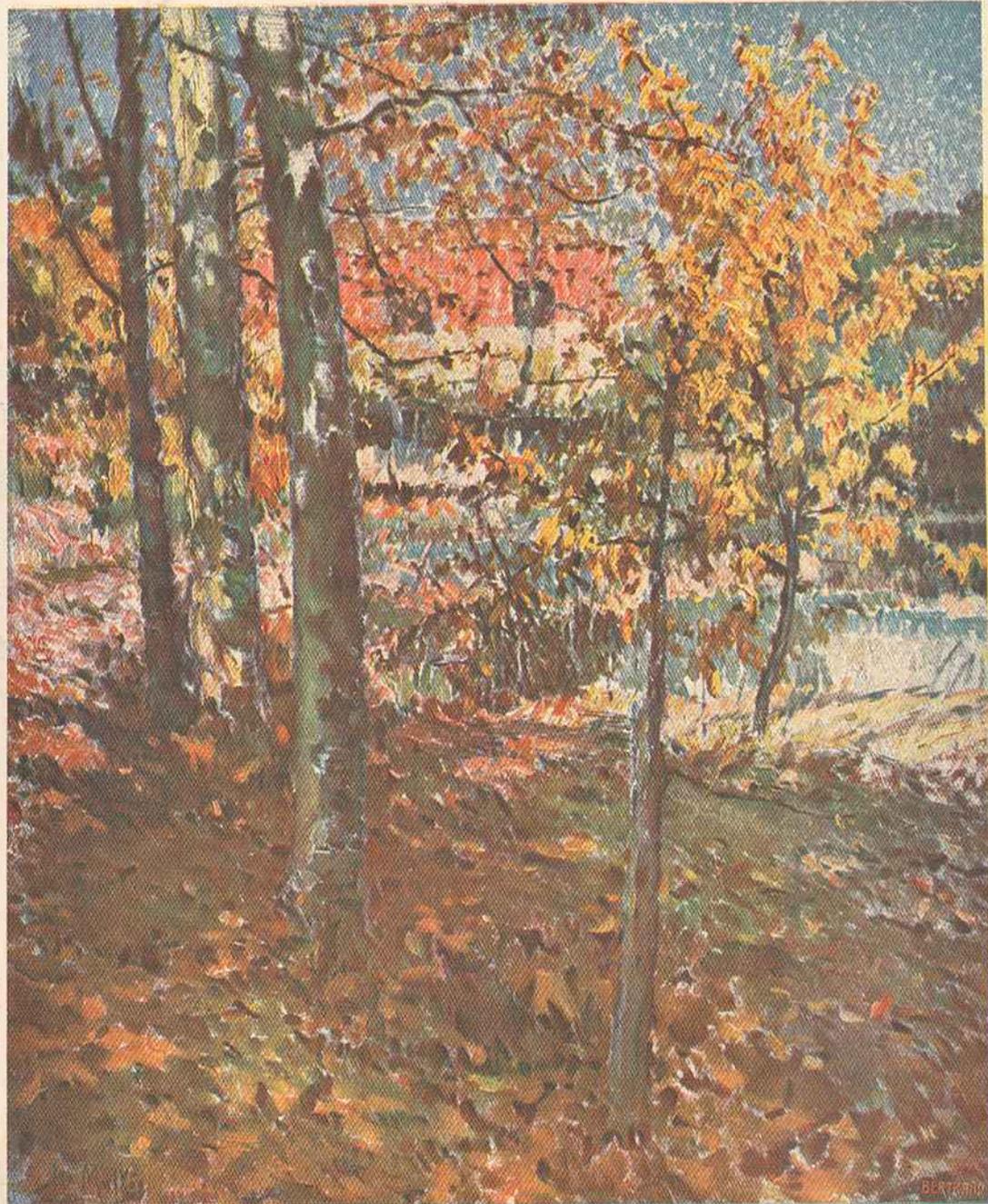
1—Assistência, no Teatro S. João do Porto, à conferência feita pelo sr. coronel Peres, presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal do Porto, sobre melhoramentos citadinos.

2—Em casa dos pais da noiva em Espinho, realizou-se o casamento da sr.ª D. Helena Almeida Braga Castro Soares, com o sr. José Costa Almeida.

3—Curso de férias, de química e física, que está aberto na localidade de Medicina do Porto, que é dirigido pelo célebre professor polaco, Kopaczewsky.

4—Em casa da distinta professora de harpa, Madame Falconier e Oliveira, no Porto, realizou-se um serão de arte presidido pelo pintor escritor, Severo Portia.

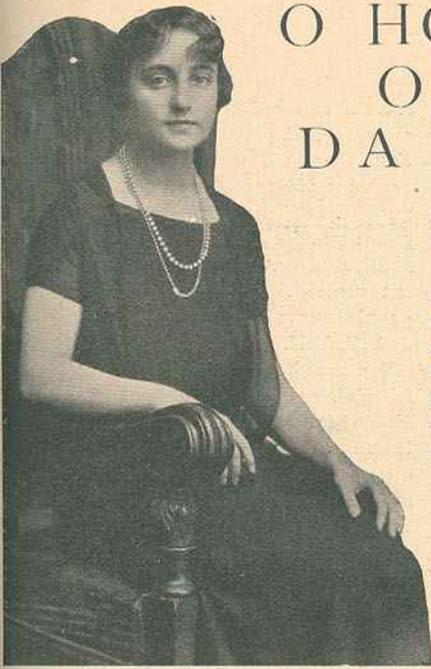




MALHÓIA — Outono

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA

O HOMEM MAIS OCUPADO DA ESPANHA



Senhorita Carmen Primo de Rivera, filha do Marquês de Estela

Para um profissional da curiosidade, a que vulgarmente se chama jornalista, passar em Madrid uns quantos dias e não ver Primo de Rivera é delicto mais censurável do que o de qualquer mortal ir a Roma e não ver o Papa — assim pensava eu, com os meus mais íntimos botões, rondando na Castellhana o palácio da Presidência, numa ameníssima tarde do último Junho. Sem carteira de profissional de imprensa, que ao tempo ainda fazia a sua lenta viagem do Sindicato ao Ministério do Interior, na colheita das imprescindíveis assinaturas, não me era fácil acreditar-me junto dos colegas castelhanos e por eles e pela influência sempre poderosa da Imprensa conseguir dois dedos de conferência com o homem que, vai em quatro anos, governa a Espanha, presidindo ao ministério e aos destinos da nação.

Mas, em Madrid, há sempre uma Providência, a quem os portugueses recorrem, especialmente os jornalistas, em casos ou conjunturas difíceis. O Embaixador de Portugal, Sr. Melo Barreto, junta a uma amabilidade inexgotável o prazer de conviver e ser útil a todos os patricios que o procuram. Antigo jornalista e homem de letras distintíssimo, Melo Barreto adora poder ainda, nas altas funções que desempenha com inegável brilho e inteligência, reviver as horas de emoção do jornalista, que viaja em busca da entrevista e do comentário, que não de levar ao leitor o prazer de se sentir numa cidade ou numa paisagem diferente ou na companhia duma personalidade eminente, em conversa amena de troca de impressões.

Posta a minha aspiração de ver e falar ao Tenente-general Primo de Rivera, Marquês de Estela, Presidente do Governo e Ministro de Estado, o Embaixador de Portugal logo se oferece, amável e prontamente, a apresentar-me, facilitando-me os designios que,

certamente, sem a sua intervenção preciosa, não chegariam a breve termo.

Lealmente, exponho-lhe o meu plano de entrevista, melhor dizendo, de conversa íntima, porque o artigo que procuro escrever destina-se à *Ilustração* e nela não cabem as consabidas afirmações de todos os entrevistados célebres, *clichés* tão gastos e conhecidos que até, pelo seu emprêgo exclusivo, se pode dispensar a entrevista de facto. Não se trata de saber de Primo de Rivera que «são cada vez mais estreitos os laços que unem a Espanha a Portugal», nem tão pouco se trata também de obrigar o presidente do governo espanhol a desfiar lugares-comuns sobre as nossas glórias ou o nosso clima. O que eu pretendo é, afinal, satisfazer uma curiosidade simples e humana: saber como emprega o seu tempo um homem a quem certamente o tempo não chega para viver como toda a gente.

— Amanhã, às seis e meia da tarde, no palácio da Presidência... — é o recado que me vem da Embaixada. Mais tarde, o próprio Embaixador de Portugal tem a amabilidade de me telefonar, prevenindo-me de que é próprio me acompanhará ao antigo palácio do Infante D. Carlos, na Castellhana, onde Primo de Rivera vai todas as tardes.

Chegamos. Na portaria alguns jornalistas farejam nesta visita do Embaixador de Portugal notícia de sensação. A questão da pesca? As quedas do Douro?

Em cima, na ante-câmara do gabinete presidencial vamos encontrar quasi todos os ministros. Um conselho inopinado vem perturbar a boa ordem das coisas. Apresentações, conversa. Não há enfatuamento, nem «pose» para a imprensa estrangeira ali, aliás tão modestamente representada. O ministro da Instrução, o dr. Callejo, professor da Universidade de Valladolid, troca, mesmo, com o jornalista algumas impressões ligeiras e jocosas... sobre as danças modernas.

Por fim, chega Primo de Rivera. Veste à paisana, como quasi sempre. Desculpa-se com o Embaixador de Portugal pelo seu involuntário atraso. Sou-lhe apresentado. Algumas frases. O Tenente-general prepara-se, sem dúvida, para reeditar as costumadas afirmações de entrevistas inofensivas. Mas Melo Barreto, primeiro, eu, depois, expomos-lhe a minha curiosidade: como emprega o seu tempo o homem que governa a Espanha? Primo de Rivera, entre surprezo e sorridente, delega no Embaixador de Portugal a missão de lhe desfiar a vida, que Melo Barreto conhece intimamente.

Foi assim que eu vim a saber como o Tenente-general Primo de Rivera, homem de Estado e homem de família, emprega as

vinte e quatro horas dum dia que é necessário que fôsse de quarenta e oito.

Desde o golpe de Estado de 23 de Setembro de 1923, em que assumiu a gerência de todas as pastas, Primo de Rivera, vive no ministério da Guerra: A sua residência particular, na calle de Los Madrazo, uma rua torcida e mal empedrada por traz do Círculo de Belas Artes, raras vezes tem a honra de o abrigar. Nessa casa vivem as suas filhas e os seus filhos e ali lhe morreu uma irmã muito querida que junto dos sobrinhos substituiu a mãe, após o seu falecimento. A sua família, porém, passa dias que só sabe do seu chefe por informações e só pelo telefone lhe fala. Nesta altura, o Embaixador de Portugal lembra que em certa festa dada na Embaixada, Primo de Rivera teve o prazer de abraçar as suas filhas, que não via desde há cinco dias.

O seu horário é rígido e seguido escrupulosamente:

Levanta-se cedo e as suas primeiras horas são de trabalho, no ministério da Guerra. Depois, um passeio a cavalo, sem ajudantes nem escoltas. Regressa ao ministério e prepara-se para o despacho e para conferência diária com o Rei, que se realiza, pontualmente, às 11 horas e que dura, em regra, até ao meio dia e meia hora. O rei despacha também com os ministros, mas só dois em cada dia, ao passo que o presidente despacha, diariamente, com todos.

Mas Primo de Rivera não é só presidente do Governo, é também ministro de Estado — ou dos Negócios Estrangeiros, se preferem a nossa designação. Os assuntos desta pasta consomem-lhe o

tempo até às duas da tarde, hora a que sai do ministério de Estado para voltar ao da Guerra, onde almoça em dez minutos, no próprio gabinete. Por vezes, as audiências concedidas a diplomatas obrigam-no a voltar ao ministério de Estado, em regra depois das quatro horas, saindo dali para a presidência se outras audiências mais instantes o não obrigam a voltar ao ministério da Guerra, e seu quartel general.

Com esta organização de vida, ninguém consegue do Marquês de Estela que aceite um convite para almoçar, porque, — costuma explicar — é des-



Senhorita Pilar Primo de Rivera, filha do Marquês de Estela

perdição gastar duas horas numa refeição que deve durar dez minutos.

Diariamente, na presidência, às 6 e meia da tarde, dá despacho aos directores gerais, especialmente ao das colónias, Condé de Jordana, que se ocupa da questão externa de Marrocos, serviço que funciona na própria presidência. Três conselhos de ministros por semana completam o quadro das ocupações diárias do presidente do governo espanhol.

A noite, se as circunstâncias o permitem, condescende com os hábitos da sociedade, aceitando qualquer convite para «cenar», mas quando a vida lhe permite ir, às 10 horas da noite, viver um pouco com os seus filhos alguns momentos do carinhoso convívio da mesa, é certo depois no ministério da Guerra, até às 4 ou 5 horas da madrugada, a estudar os assuntos pendentes e a preparar os decretos e reais ordens que há de submeter ao Chefe de Estado.

Foi numa dessas noites de teimosa vigília que Primo de Rivera sofreu o desastre de que os jornais, através dos telegramas das agências, se ocuparam recentemente. Ao cabo de longas, fatigantes horas de trabalho, já de madrugada, o presidente do governo espanhol ia a erguer-se, para recolher aos seus aposentos, mas os nervos lassos trairam-lhe a energia e, escorregando no *parquet*, feriu-se, com certa gravidade num dos olhos, na queda sobre o angulo da mesa de trabalho.

Primo de Rivera nunca se faz acompanhar por ajudantes senão nas cerimónias oficiais. Nos seus raros momentos livres, gosta de misturar-se com o povo, nas verbenas, nos templos, em todos os lugares aonde concorre esse rumoroso e alegre povo de Madrid.

A ditadura em Espanha, a ditadura de Primo de Rivera, é enérgica, mas não se dá por ela porque não é violenta. Para o Marquês de Estela, energia não presuppõe violência e sobre este conceito se tem baseado a sua acção, como chefe do governo espanhol. Acontece até aq ue, em recepções, especialmente em legações e embaixadas, homens, que foram figuras de destaque na política constitucional, encontrarem-se, na mais amável intimidade, com os ministros da ditadura.

De vinganças políticas já não restam vestígios e as próprias penalidades por delictos políticos, revestindo a forma de multas em

benefício das instituições de beneficência, embora pesadas não deixam de ser formas quasi amáveis de não permitir conspirações contra a situação criada.

O presidente do governo espanhol está em permanente contacto com os jornalistas e este facto ameniza extraordinariamente o regime de censura à imprensa. Quando do plebiscito sobre a necessidade duma assembleia nacional todos os jornais discutiram livremente os pontos de vista do governo e Ortega Gasset pôde não menos livremente fazer as suas conferências. Primo de Rivera tem por ponto assente que «só os regimes fracos se preocupam com as perseguições pessoais».

A política do Marquês de Estela tem ainda um outro sólido esteio: a simpatia das mulheres. É que foi ele quem, pela sua intervenção pessoal, liquidou a questão de Marrocos, pondo termo à sangria aberta no flanco de Espanha.

Rica, próspera, a Espanha conseguiu já

os seus auxiliares é curiosa e revela um espirito pratico e alheio a influencias estranhas.

Os ministros, quasi todos civis, que substituíram o Directório militar são pessoas alheias à politica dos partidos constitucionais que o Marquês de Estela conheceu nas suas viagens através de Espanha, enquanto presidiu ao Directório. Alguns, foram nomeados até sem prévia consulta e succedeu ao dr. Callejo receber a noticia da sua nomeação para a pasta da Instrução quando estava a dar aula na Universidade de Valladolid.

O mesmo se deu com o sr. Yanguas, que foi ministro do Estado e que é professor de direito internacional na Universidade de Madrid.

Os ministros do Interior, Marinha e Guerra eram já sub-secretários de Estado, no Directório e são, com Primo de Rivera, os únicos militares do governo. Martinez Anido, o ministro do Interior, é, porém, o general mais paisano de quantos a Espanha conta.

Uma das figuras de relêvo do governo espanhol é Calvo Sotelo, ministro da Fazenda. É de Tuy, um raiano, quasi portuguez e pouco irã, em idade, além dos trinta anos. Era director geral da Administração Local e nesta qualidade elaborou o Estatuto Provincial e Municipal, documento em que se vinculam os mais liberais principios de descentralização e em que se atribui o voto às mulheres. Da applicação deste diploma resultou haver já hoje no município de Madrid três «vereadoras», uma das quais é a Viscondessa de Llanteño, grande de Espanha.

É frequente, principalmente nos jornais espanhóis, verem-se reproduzidas, quando os jornalistas se ocupam de Primo de Rivera, duas fotografias do chefe do governo: quando tomou conta do poder

e o seu retrato actual. De facto, o Marquês de Estela tem dado ao seu país aquella energia moça que consome rapidamente os homens mais válidos. Está, porventura, precocemente envelhecido, mas a sua rija vontade realiza prodígios e é assim que este homem extraordinário, que trabalha cerca de vinte horas por dia, a ninguém confia sequer a tarefa de redigir as notas officinas e os relatórios que precedem os decretos, mesmo os de menor importância.

F. S.



Da esquerda para a direita: sentados, Carmen Primo de Rivera, D. Maria Primo de Rivera, irmã do Marquês de Estela, já falecida, e Pilar Primo de Rivera; em pé, Miguel Primo de Rivera, José António Primo de Rivera, filhos, Tenente General Miguel Primo de Rivera e Fernando Primo de Rivera, filho

realizar uma parte importante do sonho dourado de todos os povos: desde 3 de Março do corrente ano, está extinta a sua dívida flutuante, pelo pagamento ou pela conversão voluntária em dívida fundada. As reservas metálicas do Banco de Espanha são formidáveis e o orçamento é pródigo em dotações de fomento, como a de 600 milhões de pesetas para melhoramentos dos portos, previsto e realizado no orçamento do corrente ano.

A forma por que Primo de Rivera recruta

PORTUGAL NA AMÉRICA



MADAME ABÍLIO REIS, ESPOSA DO SR. DR. ABÍLIO REIS E UMA DAS SENHORAS MAIS DISTINTAS DA COLÓNIA PORTUGUESA DA CALIFÓRNIA



Está lá? Está lá?



...e o subscritor, irritado, pediu as reclamações.

la formular a sua queixa, protestar indignado contra a demora da ligação, verberar em termos ásperos o serviço da companhia.

Chamando-o à realidade, estava prestes a convencê-lo a colocar o auscultador no descaço, quando a telefonista, numa voz doce, musical, bem timbrada, lhe perguntou :

— Que número deseja ?

O nosso homem ia irritar-se de novo, mas não teve coragem. Aquela voz fina, clara, harmoniosa, teve o poder mágico de acalmá-lo, como Orfeu fazia às feras. E foi já sereno que desligou o telefone, depois de algumas palavras de agradecimento.

No entanto, aquella irritação poderia voltar. E, como nem eu, nem elle tivessemos que fazer àquella hora, propuz-lhe uma visita às estações da companhia, para conhecer o funcionamento dos serviços.

Accitou, alvoroçado. E obtida a necessária autorização, percorremos tôdas as dependências e ouvimos tôdas as explicações.

As chamadas sucediam-se :

— Está lá ? Está lá ?

— Que número deseja ?

E as ligações faziam-se ininterruptamente, pondo em comunicação dois homens de negócios, duas amigas, dois namorados, combinando operações bancárias, um encontro numa casa de chá, uma entrevista a horas mortas...

— Podíamos comprar. São acções seguras. Teem rendimento que convenm...

— Também me parece. Mas o capital rareia. É preciso cuidado. Dum momento para o outro...

— Então, às cinco horas. Sabes ? Estive com a Luísa. Aquella loucura não lhe passa. Soube coisas muito interessantes. Eu logo conto. Vais rir.

— Eu também tenho que te dizer. O Jorge... Muito engraçado...

— Mas, ouve, Lina. Não te zangues. Bem se vê que já não gostas de mim ! Não te zangues !

— Vocês os homens são todos iguais. E pobres de nós, que temos de aturá-los.

— Mas eu logo te explico tudo. Vais ver como tenho razão. Vou-te mostrar que sou o mais fiel dos namorados...

— Veremos.

E novas chamadas surgiam e por tôda a cidade — desde os gabinetes dos ministros aos escritórios da Baixa, das Avenidas novas à Ajuda, do Poço do Bispo a Belem, ia um ruído de vozes, de perguntas e respostas que se cruzam, reclamando um médico, dando a notícia dum casamento, ordenando a redacção dum decreto, levando consigo a alegria e a tristeza, o receio duma traição e a certeza dum triunfo.

Durante todo o dia e durante tôda a noite os telefones não cessam. São sete as estações : Central, Norte, Trindade, Bemfica, Lumiar, Belem e Poço do Bispo. Os telefones directos à rede nestas estações são 10.600.

E todos elles falam e a todos elles as meninas teem de atender, fazendo as ligações pedidas.

O meu amigo, ao ouvir este número, estremeceu. Era o remorso que o assaltava. A demora de alguns segundos na ligação exasperara-o pouco antes no seu gabinete de trabalho. O seu telefone pertencia ao número

E as chamadas continuavam, incessantemente :

— Está lá ?

— Deseja ?

E veio outro número interessante — o das chamadas por dia : cêrca de 100.000, o que dá nada menos de 3 : 000.000 por mês, das quais cabem a Lisboa 2 : 900.000.

— E a que horas se faz maior número de chamadas — perguntou, curioso.

— À tarde. E essas chamadas estão assim divididas (média para 1926) :

Central, 6.067 ; Norte, 6 : 440 ; Trindade, 1.096 ; Belém, 419 ; Bemfica, 101 ; Lumiar, 97 ; Poço do Bispo, 208.

Ora todos esses 11.340 telefones estão ligados às estações por 383.624 quilómetros de fio de cobre, 1 : 242.486 de fio de ferro e 4 : 370.547 de fio de bronze, tendo ainda 47 : 841.342 de cabo subterrâneo, 73.699 de cabo submarino e 391.671 de cabo aéreo, com 6.781 postes distribuídos por tôda a cidade.

O meu companheiro perturbou-se com tanto número. Mas não o deixaram respirar. Logo outros lhe foram indicados : os das linhas de cada estação directas à rede, ou seja os dos subscritores que teem cada estação : Central, 3.277 ; Norte, 5.634 ; Trindade, 884 ; Belém, 359 ; Bemfica, 145 ; Lumiar, 139 ; Poço do Bispo, 178, podendo vir a ter limites mínimos : 3.500, 8.000, 8.000, 1.000, 500, 500 e 500.

Uma curiosidade espicaçava o meu amigo, exaltado e nervoso havia pouco e agora sereno, embora um tanto ou quanto admirado do que via e ouvia :

— E quais os dias destes últimos meses em que se fizeram mais chamadas ? Pode saber-se ?

A resposta foi pronta : no dia do terramoto de Dezembro e nos da revolução de Fevereiro.

A nossa volta retiniam campanhas. As chamadas na secção respectiva sucediam-se. E as meninas, imperturbáveis — que número deseja ? — faziam as ligações. Nunca mais o meu amigo se exaltou. Quando pega no telefone, para falar, fá-lo com a resignação dum santo, aguardando que o atendam :

— Que número deseja ?

— Faz-me o favor : liga-me para...

E espera tranquilamente que a ligação se faça.

M. S.



dos 10.600. Reconhecem que não tinha o direito de se zangar.

Mas a esses há ainda a juntar os das estações sucursais, dentro duma área circular de 30 quilómetros de raio, compreendendo as linhas de Cascais e de Sintra, o concelho de Loures, Sacavem, Póvoa, Alhandra e localidades do sul do Tejo, com 740, directos à rede. São, pois, 11.340 telefones, alguns milhares dos quais falando ao mesmo tempo.

— Que confusão ! — exclamou o meu companheiro. — Que confusão e que inferno !

ILUMINURAS PORTUGUESAS

Não é precário o nosso fundo livresco de iluminuras. Não é a abundância, é certo, a riqueza decorativa, a invulgar característica de traço e de cor que constituem a coleção mais ou menos curiosa dos iluminados que formam, com os incunábulo, a primeira plana das nossas bibliotecas públicas e particulares. Quási, de galope, se vêm os livros de iluminuras que dormem por essas estantes de arquivos solarengos e livrarias onde o público entra na avidez de quem almeja por descortinar elementos inéditos que possam activar a publicidade e estarrecer os aficionados do imprevisito bibliográfico.

A iluminura em Portugal teve períodos aureos, momentos de expansão em que a opulência dos processos se alia ao requinte do descritivo. Há golpes de génio nalguns desses pergaminhos soltos, ou compoendo códices, traços duma inspiração admirável cujos artistas ficaram para sempre escondidos no incógnito, porque nas fôlhas dos manuscritos não apparecem vestígios desses nomes que hoje a crítica artistica consideraria gloriosos.

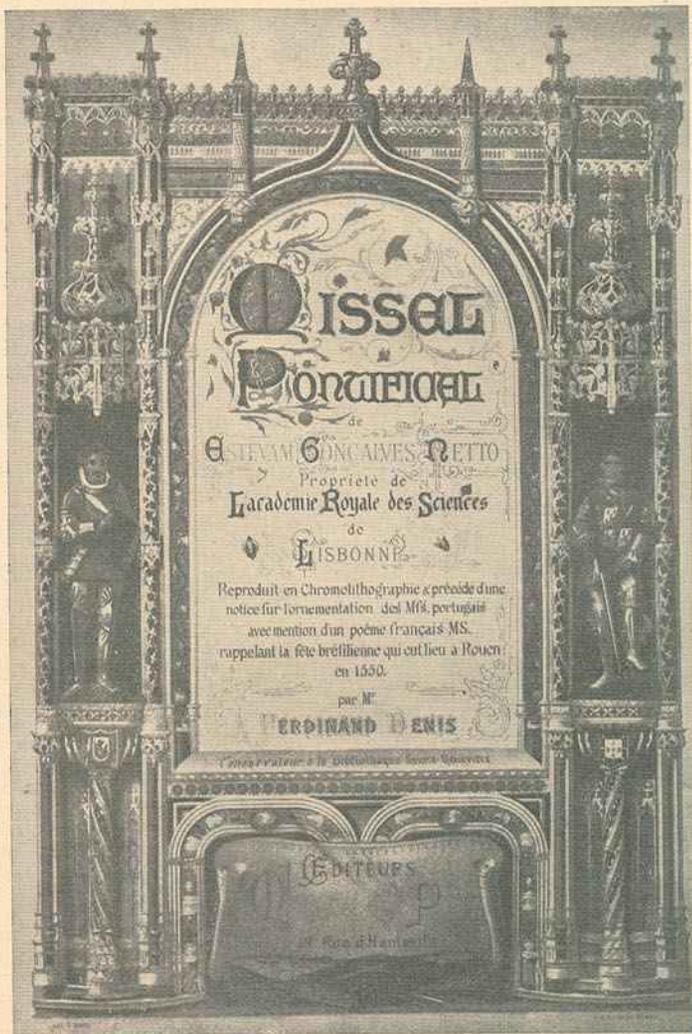
Enquanto nas velhas telas não é raro descobrir uma assinatura denunciadora propositada da mão que as produziu, enquanto nas produções de azulejos, embora em mener escala, se divisa, muitas vezes disfarçada nos ornamentos da composição, ou umas iniciais ou simples abreviaturas que ligaram à obra o autor; nos livros de iluminuras assume um caso esporádico o conhecimento de quem, num carinho ilimitado, movido por um frêmito de gosto estético, deu a vindouros tanta beleza de decoração bibliográfica, que viria a ser em núcleos maiores ou menores, de livros, um motivo de contemplação atenta, um pretexto de admiração incondicional, um veículo de prazer para olhos sequiosos de cor, de expressão de movimento e de sentido de carácter artistico! A

ascensão da alma para o Mundo da Imortalidade, o arroubo místico dos corações voltados para um Deus Omnipotente, contribuíram durante os séculos longíquos para que o trabalho do artista principalmente no domínio pictural, realizasse quasi exclusivamente uma obra de preito à Divindade, uma homenagem sincera e entusiástica a tudo o

Génio deu-se, e com tal amplitude, que até nós chegaram, para que olhos mais enamorados da arte e mais sinceros de sensibilidade, possam viver a grandeza dessas produções imortais, de pintura que enriquecem os museus mundiais.

A iluminura não podia alhear-se dessa orientação espiritual do artista, porque a influência da Igreja e dos grandes senhores, exercendo-se a todo o passo, limitou, circunscreeveu a arte à exaltação dos seus mistérios e das suas glórias. E, tanto assim era, que o iluminador, quando subtraia a sua arte ao assunto puramente religioso, nem por isso deixava de exercer a sua actividade colorindo de graça e de ingénuo significado as fôlhas dos livros onde compendiavam em geral doutrinas acentuadamente místicas. E, fazia-o com uma insinuante transcendência de motivos, não a transcendência dominadora, mas a transcendência da simplicidade, da esvelteza, da delicadeza.

O nosso mais autêntico repositório de livros iluminados consiste na variada coleção dos chamados livros de Horas, de que a Biblioteca Nacional de Lisboa, a do Convento de Mafra e o Arquivo Nacional da Torre do Tombo conservam especimes preciosos e numerosos. E, é curioso de observar como a evolução da iluminura se vai fazendo através da trajectória da pintura, subindo do simples ao composto, caminhando do traço rudimentar à historiação cantante, em que os motivos se diluem numa profusão feérica e em que a própria iluminura invade altivamente as paragens demarcadas da pintura. Desde a bárbara iluminura que ilustra o célebre Apocalipse das freiras do Lorvão, trazido por Alexandre Herculano à Torre do Tombo cuja barbaria de traço tão bem vincada foi na etiqueta explicativa colada ao códice pelo grande historiador, e escrita pela



que gravitava na órbita da crença religiosa. Só o fastigio das realezas, ou a perspectiva orgulhosa de mando dos grandes senhores, animaram o pincel dos grandes artistas, só estes dois cúmulos de preponderância social, acordaram no coração dos pintores o desejo de produzir, ou por uma natural convicção em exalçá-los, ou por uma justificada conveniência em agradar-lhes. Mas, ou entusiasta ou espontânea, essa manifestação do

sua mão até à Leitura Nova vai um crescendo soberbo de gosto artistico, uma elevação manifesta, flagrante de processos e de sentimentos pessoais que por si só serviriam a firmar *étapes*, a enunciar métodos, a registar tendências. Os livros denominados do *Guadiana*, da *Extremadura* e de outras designações mais ou menos provinciais, representam pela florescência encantadora das suas letras capitulares e dos seus frontespí-

A
INCONSTÂNCIA
DA
MODA

Desde sempre, a moda vin- cou a sua personalidade ligei- ra, inconstante, tão depressa proclamando com ardor uma novidade, para logo no dia imediato, a desdenhar e conde- nar com requintes de cruel indiferença, já namorada dum outro capricho, já seduzida por uma nova fantasia, cuja efêmera duração estava incondicionalmente prevista.

Mas os seus caprichos eram fácil- mente atendíveis. Uma saia mais ou menos curta,



mais ou menos rodada, um corpo mais ou menos moldado, mais ou menos *blousé*... Um tecido de seda ou de lã, um enfeite, um adorno que suplanta outro... Tudo isto era simples de aceitar e substituir. Questão de dinheiro e de obediência aos preceitos da encantadora suserana.

Mas, um dia, fatigada, talvez, da facilidade com que as suas fantasias encontravam realização no campo das possibilidades materiais e imaginati- vas, a moda teve o desejo louco de criar embaraços sérios às suas submis- sas escravas.

Cortou-lhes os cabelos... Cortou, cor- tou, até transformar as suas cabecitas gentilmente femininas num arremêdo estranho de masculinismo efeminado.

Compôs-lhe os penteados à Joãosi- nho, à Joaquimsinho, e outros diminutivos graciosamente irônicos...

E quando viu a ideia generalizada, tôdas as magníficas tranças por terra, tôdas as lindas cabecitas talhadas à maneira máscula, teve um súbito arfar de traquinice satisfeita e proclamou como última elegância — o pen- teado de *chignon* e — a última palavra! — o penteado à grega!...

A confusão, o terrível embaraço em que a súbita reviravolta lançou a mulher! Tanto mais que a ideia do penteado de *chignon* não tem aceitação para de dia...

Oh! Não! A moda, actualmente, impõe à mulher a obrigação de se apresentar com os cabelos cortados durante o dia, e longos, enrolados em artístico *chignon*, sob a luz faiscante dos salões, alegando que a mages-



tade da *toilette* de grande cerimónia não se coaduna com a ligeireza duma cabeça pen- teada — à Joãosinho...

A imaginação, posta a pratos para resolver o difícil problema, acabou por compôr uns engenhosos *chignons* que se adaptam hábil- mente, simulando o penteado de cabelos compridos. Mas só as poucas senhoras pru-

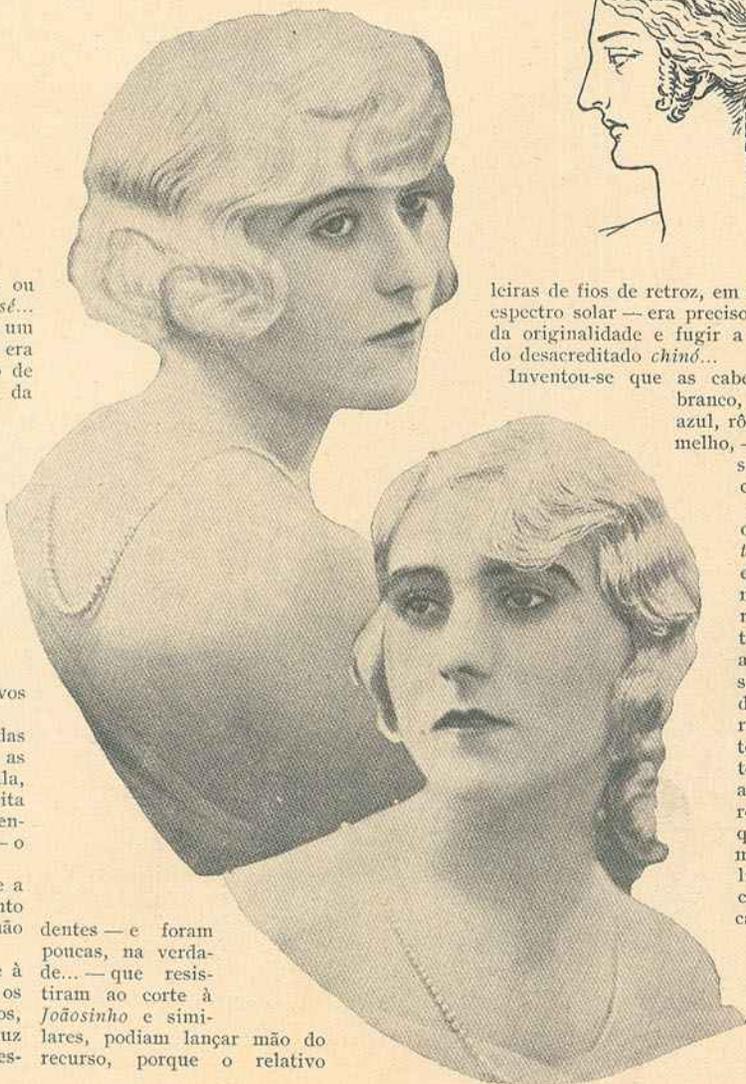
A
REVOLUÇÃO
DO
PENTEADO

comprimento dos seus cabelos, permitia-lhes penteá-los para trás, a prender-lhes as pontas sob o *chignon*, compondo uma cabeça que de algum me- do iludia, mostrando um efei- to de cabelos longos. Mas as outras, a grande massa das cabeças à Joãosinho, à Joaquimsinho, etc.?

Que podiam conseguir com os cabelos corta- dos quasi à escovinha?... Só uma cabeleira...

Pronto! A ideia brotara luminosa!

E eis que nos surgem as estranhas cabe-



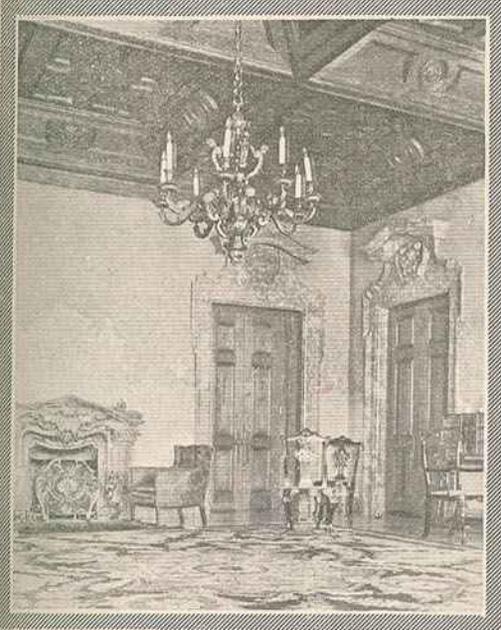
leiras de fios de retroz, em tôdas as côres do espectro solar — era preciso ressaltar a ideia da originalidade e fugir a pés de avestruz do desacreditado *chινό*...

Inventou-se que as cabeleiras de retroz branco, côr de rosa, azul, rôxo, amarelo, ver- melho, — que sabemos, santo Deus! —

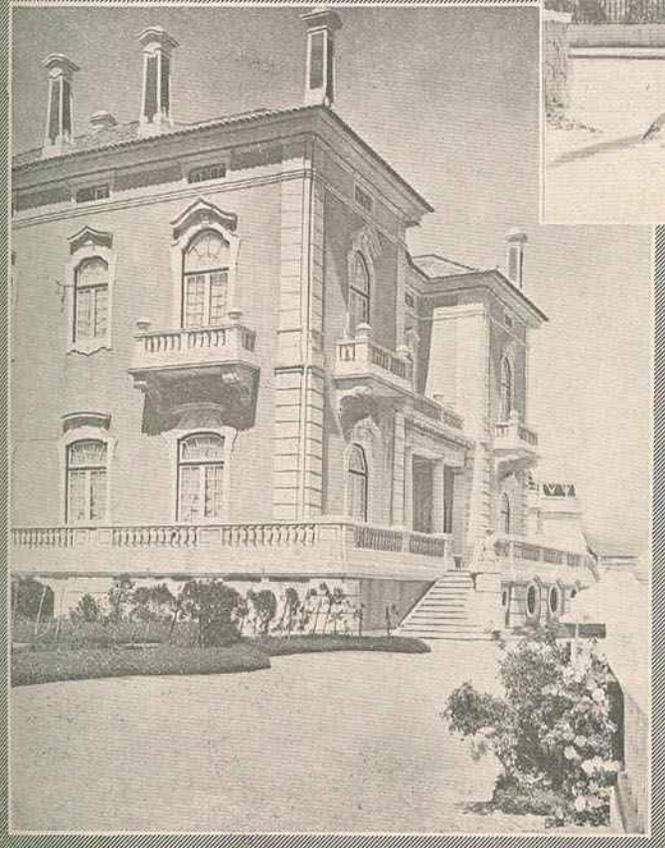
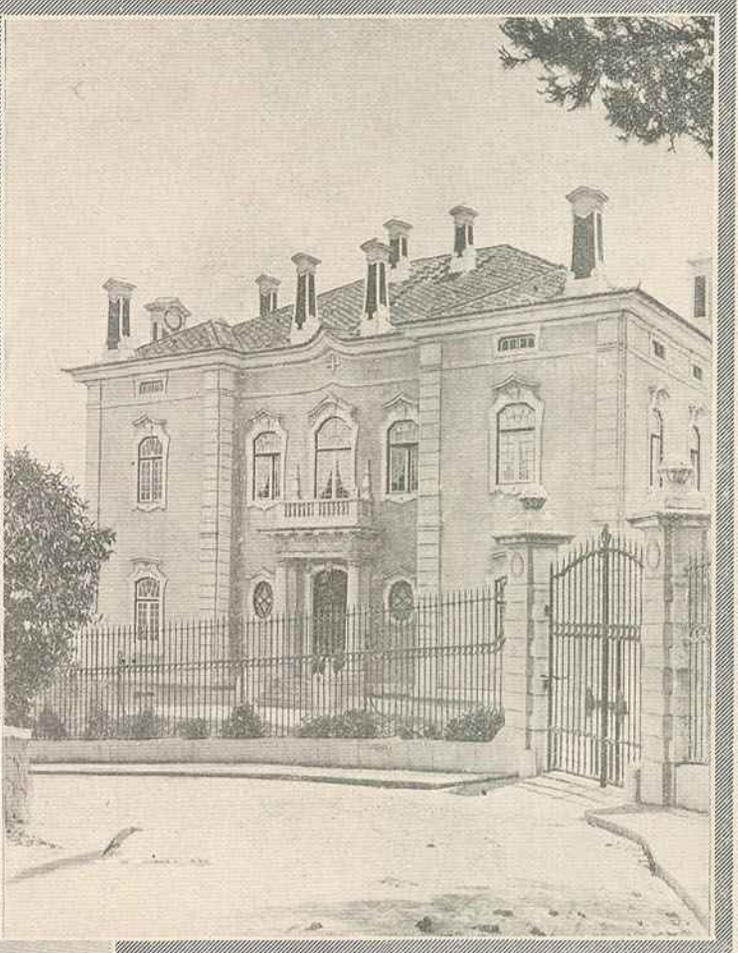
completa-va admiravelmente o conjunto duma *toilette* e *estilo*, e não foi preciso mais. As cabele- ras de retroz es- tavam lançadas e abençoadas como salvadoras provi- denciais do apuro e patrocina- tes do crescimen- to dos cabelos até êstes atingi- rem o tamanho que a moda neste momento, lhes de- limita: Forma de cabeleirinha a en- caracolar sôbre a nuca, e a dê- xar escapar anéis insub- missos, capri- chosos, sob a aba posterior dos chapéus.

A CASA PORTUGUESA

CASA DO SR. ALFREDO DA SILVA—MONTE ESTORIL!



EM ALTO TERREIRO, SITUADA SÔBRE A ESTRADA À BEIRAMAR E DOMINANDO A LINDA BAÍA DE CASCAIS, ESTA



ESPLÊNDIDA VIVENDA É UMA CONSTRUÇÃO TÔDA CONCEBIDA NO ESTILO DE D. JOÃO V. AO ASPECTO IMPONENTE DAS FACHADAS CORRESPONDE PERFEITAMENTE O AR PALACIAL DAS SUAS SALAS ONDE FORAM EMPREGADOS OS MELHORES MÁRMORES, MADEIRAS NOBRES E ADEREÇOS DE ALTO VALOR



ARQUITECTO: TERTULIANO DE LACERDA MARQUES

F E M I N I N A



Modéio de Lucien Lelong

NA RUA
E EM CASA

Na rua e em casa, a mulher elegante tem apenas uma preocupação: vestir bem.

É preciso que em tôda a parte e em tôdas as circunstâncias, o seu encanto prestigioso ressalte impressionante e dominador. Mas se em algum lugar êle deve afirmar-se mais flagrantemente, por um interesse não já apenas de vaidade ou garridice, mas, principalmente, de coração, é no lar. É ali, no templo onde ela pontifica, que a sua sedução deve estender-se a quanto a cerca, e a sua graciosidade deve irradiar fulgurante, irresistível. Lá, dentro do ninho doirado de sonhos, — quando não já guarida de desilusões... — palpita um coração de homem, como tal volúvel, pronto a deixar-se prender por outras seduções femininas, e que é preciso reter num encantamento constante, sem lhe deixar ensejo para esta-

belecer confrontos em que a inferioridade fique pesando para o lado da sacerdotiza do lar. É por isso que a mulher inteligente presta mais atenção à sua *toilette* de casa do que às que ostenta ao indiferentismo exterior.

E é ainda por isso, que a moda, numa cumplicidade gentil, se ocupa hoje afanosamente das suas *toilettes* de interior, modelando-as com requintes de luxo e arte.

Os pijamas, que fizeram a sua aparição timidamente, cercados de hostilidade, figuram hoje triunfantes nos guarda-roupas de tôdas as senhoras para quem a arte de vestir é preocupação dominante e de grande responsabilidade. E, de dia para dia, tornam-se mais ricos, mais fantasistas, mais retocados de originalidade, no empenho de moldarem a silhueta feminina numa graça estranha pincelada de imprevisto. Nos pijamas tudo se emprega: tecidos luxuosos e caros, formas inesperadas, bordados suntuosos, côres fortes, vivas, palhetadas de ouro e prata.

Já nas *toilettes* de rua há mais circunspeção.

A linha esguia, sóbria, os enfeites recatados, e as côres neutras ou esbatidas em tonalidades suaves, são os principais componentes dos vestidos de rua.



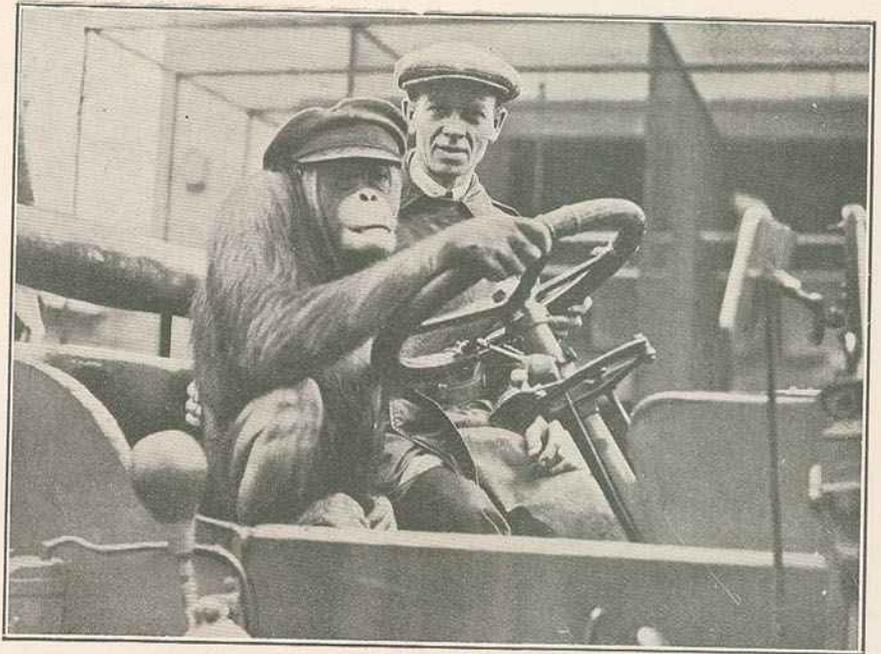
Modéio de Drecoll

ANIMAIS QUE SE DIVERTEM E NOS DIVERTEM

Desde que o Homem, despejado do Paraíso como inquilino abusivo, encontrou na sua liberdade a compensação da mandria edênica que perdera, os animais passaram a ter nesse ser superior da escala zoológica o seu mais caprichoso tirano.

No tempo em que, conforme a documentação ingénua de oleografias baratas, cabritos monteses e leões confraternizavam sob as frondes do Paraíso, nesse renovado princípio da Criação em que os tigres eram, certamente, vegetarianos e em que nenhum gato ousaria estender a unha adunca para um ladino rato, que lhe passasse ao alcance, os animais gosavam vida folgada de asilados no grande parque, que a Omnipotência divina criara para recreio e goáudio de nossos remotos pais, Adão e Eva. Eram, no Paraíso, simples motivos ornamentais e toda a doce tirania que Jeová exercia sobre eles se limitava a domar-lhes os impetuosos ferozes, obrigando gazelas e jaguares a jogar os cinco cantinhos, à hora fresca da folgança e pondo frente a frente o mastodonte e o urso branco, em intermináveis e filosóficas palestras sobre a delícia de viver, aqui e ali picadas de ironias acerca do casal humano, tão inferior à restante bicharia que nem sabia servir-se a tempo das mãos para caminhar mais depressa.

Curta foi, porém, esta doce submissão dos animais das colecções paradisíacas. Pela gulodice de Adão, trincando a maçã vedada, (se ao menos fosse uma boa prada de morangos, compreendia-se!) os bichos foram impelidos na esteira do casal expulso, para lhe tornarem a vi-



«Murphy» é um famoso orangotango, que vive no Jardim Zoológico de Londres. Adora a velocidade, como qualquer homem e se o deixassem à vontade guiar um automóvel atropelaria meio mundo, como qualquer «chauffeur»



Um menino-leão e um menino-tigre vivem em conjunto numa jaula do «Zoo» londrino. A mais perfeita camaradagem une estas feras de tenra idade, que depois das refeições, para ajudar a digestão, se entretêm brincando

da mais difícil e complicada. Assim, um certo rinoceronte que todas as tardes, no Paraíso, espreitava, entre os arbustos, o corpo fulvo de Eva no banho, passou, sempre que a via, a arreganhar uma beicola feroz, mal a influência apaziguadora da presença divina deixou de se exercer sobre a sua ferocidade. Algum tigre mansíssimo, cuja cauda Adão, distraído ou para se distrair, pizara com o caloso pé nas veredas do Eden, uma vez restituído à liberdade dos seus instintos passou a rondar a caverna, onde o casal pecador se alojara, na esperança de experimentar as garras na pele curtida do pai da Humanidade.

Foi então que o venerável Adão, atentando na hostilidade dos seres e das coisas, que o rodeavam, teve o primeiro gesto político, que se produziu à superfície da terra e criou a primeira ditadura, proclamando-se «rei da criação» — tendo-se previamente munido de um cajado pontegudo, em cuja força apoiou o direito que acabava de inaugurar.

O caso deve ter sido vivamente discutido na espessura dos bosques primitivos, entre a bicharia vária, tendo-se profundamente dividido as opiniões. Daqui data, com certeza, a divisão dos animais entre domésticos e selvagens,



Brincadeiras de mãos são sempre perigosas... Imagine-se o que serão brincadeiras de patas, armadas de garras, que nunca servirão!... Como bons habitantes de Inglaterra, embora de procedência exótica, o leão e o tigre do «Zoo» preferem o «box» a qualquer outro divertimento. Desta vez foi o menino-tigre que pôs «knock-out» o menino-leão.

adesão dos primeiros ao partido do Homem e pela intransigência dos segundos com os princípios de realeza e domínio proclamado pelo novo tirano. Alguns bichos, porém, com uma dobléz de carácter mais própria de seres humanos, conseguiram ficar com uma pata na domesticidade e outra na selvageria, traíndo igualmente ambos os partidos.

Adesões francas e sinceras foram as do cão e do cavalo, que em mais duma emergência colaboraram com o Homem na defesa e no ataque aos outros animais — ou, como se diz na gíria política dos nossos dias: pelo seu ideal «deram o corpo ao manifesto».

* * *

Comprometido perante os seus partidários a mostrar que o seu domínio sobre a criação não era um simples lema destinado às futuras placas dos bebedouros das Protectoras dos Animais, o Homem empenhou-se desde logo em escravizar os bichos que, a dente e garra, se opunham aos seus princípios dominadores.

Começou por experimentar despertar o estímulo, a emulação e outras virtudes e defeitos humanos entre a bicharada adversa e para esse efeito ensinou o cão a dar saltos mortais e o cavalo a manter-se de pé com as mãos no ar. Os outros animais abanavam, com indiferença, as caudas — que é esta a forma que os bichos têm de encolher os ombros. E nenhum se aproximou a pedir ao Homem que o ensinasse a fazer o pino, em troca da sua liberdade.

Entretanto o homem multiplicava a sua actividade cativadora. Ensinava os bois a lavar e os pintasilgos a cantar por música. Outros animais domés-

ticos passaram pela escola das habilidades, mas nem mesmo o exemplo de Djali, a cabrinha mágica da Esmeralda, de *Notre-Dame de Paris*, conseguiu convencer os elefantes a trabalhar nas argolas e as girafas a levantar alteres.

Tanta resistência ao seu domínio de animal superior desesperou o Homem, que, como todos os tiranos desesperados, recorreu à

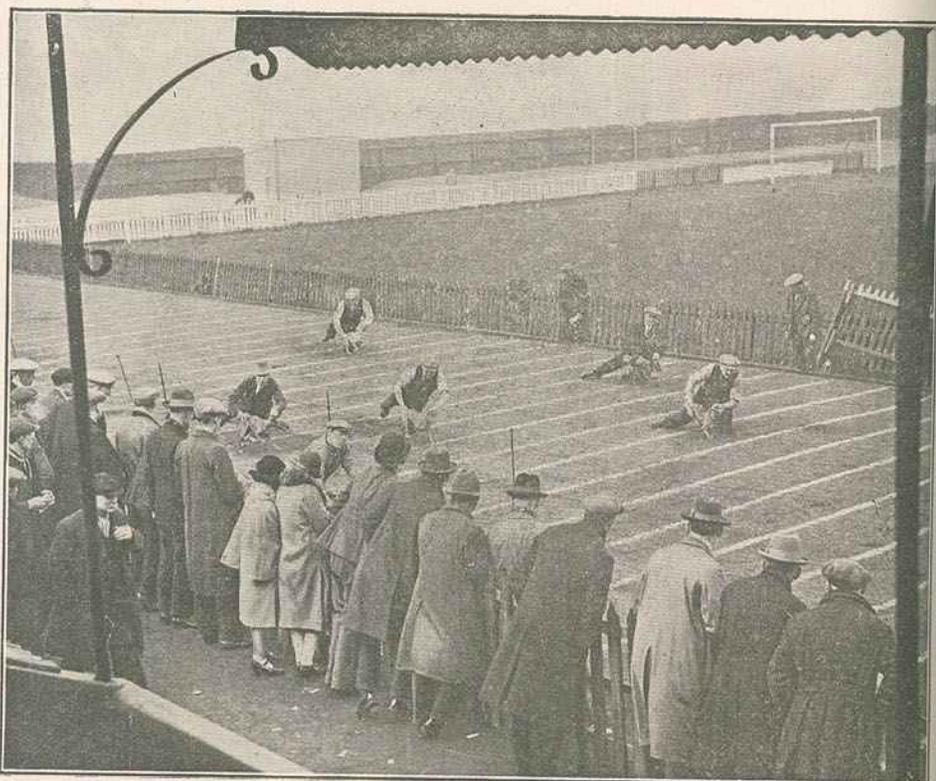
violência. Armadilhas ardilosas, inventadas pela astúcia humana, começaram a entregar nas mãos do Homem, vencidos e inofensivos, os mais ferozes exemplares da bicharia feroz.

Leões de pupilas de ouro e juba magestosa, que faziam tremer de horror a selva inteira, só com o rugido formidável da sua guela hiante, sob o domínio do homem, para ganharem uma escassa cabeça de carneiro mal morto com que iludir a fome, viram-se forçados a saltar através de arcos de papel para divertir nos circos as multidões ignaras.

Conspicuos elefantes, a que o Homem, no seu terror, chegou a prestar culto, como a deuses poderosos, foram reduzidos à condição inferior de funâmbulos, fazendo equilibrios sobre celhas emborcadas, em posições caricatas que tanto lhes prejudicam a magestade do porte.

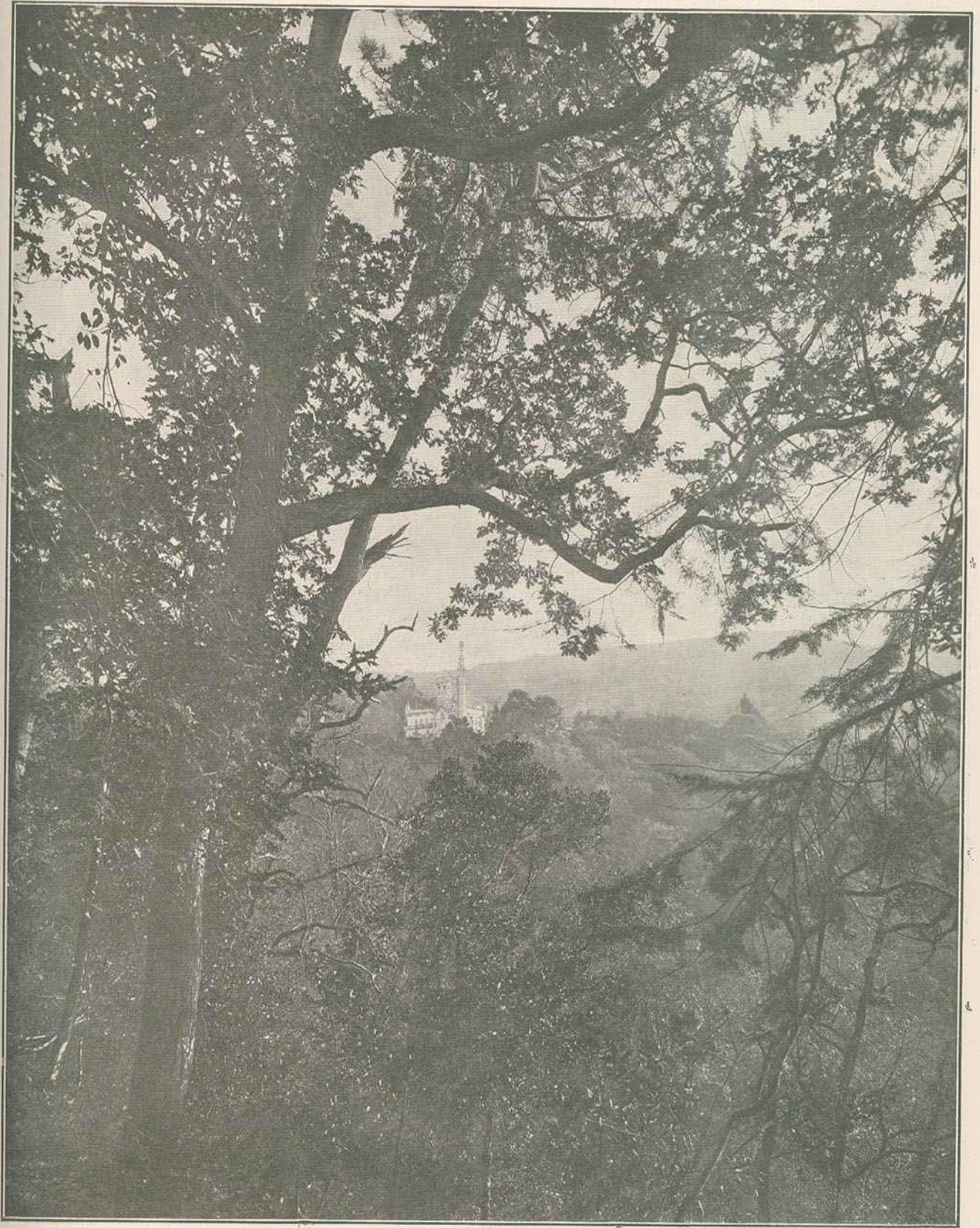
A fria ferocidade do Homem domador sobrepassou a raivosa ânsia de morder e de arranhar, que constitui o uso e porte de arma dos animais ferozes. Os tigres de postura elegante foram obrigados a dançar *charlestons* remexidos, sob a ameaça constante do chicote e dos tiros de pólvora seca, que lhes chamuscam os reais bigodes. As focas, coitadas, inofensivas gritadoras dos gelos, apanhadas sobrepticiamente com promessas de mais peixe, passeiam os circos do mundo exibindo as suas habilidades de malabaristas, jogando com fachos ardentes, com punhais e com balões de borracha. Desde os rinocerontes às cactuas, todos os animais têm conhecido a dura servidão que o Homem lhes impôs e se um dia se realiza, em ponto maior, a fantasia do «país dos cavalos», das Viagens de Gulliver, caríssimo deve o Homem pagar este uso e abuso do trono da Criação.

Então se verá quem há-de arrastar pelas ladeiras as cargas e quem há-de fazer, nos circos, embasbacar as multidões, com as habilidades exibidas — a quatro patas.



Um dos seus defeitos que o Homem transmite aos animais que domestica é o da emulação. É o que esta gravura representa, reproduzindo uma corrida de cães de várias raças, em competição, divertimento predilecto do público londrino, que todos os domingos accorre a ver os pobres animais esfaltando-se para chegar primeiro — como ho mens.

PORTUGAL — ARTE E PAISAGEM



BUÇACO — UM TRECHO DA FLORESTA

Raquel Meller, de mais figuras artísticas espanholas de mais celebridade mundial, dedicou-se à cinematografia onde, sob a direcção de Henry Roussel, interpretou alguns papéis de grande relevo. A ex-esposa do grande escritor Gomez Carrillo, que este, na sua paixão, com a sua arte prodigiosa, fez sair da obscuridade para a luz plena do triunfo, era a intérprete ideal da estranha figura de «Carmen», essa criação eterna de Prosper Mérimée, quando um editor arrastado quisesse levar no écran essa obra primária literária. Foi a Sociedade Albatros que con-

quill... e Don José Lizzarabengos... ma-tou um homem. E preciso deixar a Navarra, fugir para o Sul. A mãe abençoou o pobre filho, ata-lhe numa trouxa tudo quanto pode dispor e cis que Don José desaparece na treva, a caminho do desconhecido.

Atença os planaltos escavados de Castela-a-Velha e como o acaso o faz encontrar um



Cinema

tografia



As cartas tinham privilegiado a Carmen no jogo futuro de palácio a morte...

trou a «divina Raquel» e que, sob a direcção de Jacques Feyder, fez surgir na tela a figura empolgante da cigana fatal que inspirou Bizet. Eis alguns tópicos do argumento do filme, que foi realizado em plena Espanha.

Nas montanhas da Navarra, no cair da noite, erra um fugitivo, um belo e altivo moço de olhos sonhadores. As sombras permitem-lhe entrar numa casa da aldeia de Elizondo onde sua velha mãe o espera, inquieta. O fugitivo confessa a falta... num jogo de pelota basca... uma discussão... uma briga... uma pancada terrível com a ma-

sargento enxadador, assenta praça no regimento dos dragões de Almazan.

Nessa época, a Andaluzia oferecia o refúgio das suas serranias medonhas a grandes bandos de contrabandistas, cujo chefe supremo era o Dancairo e que recrutavam principalmente os seus homens entre as gentes de raça cigana.

No bando do Dancairo, Garcia, alcunhado «O Zarólho» e Carmen, a sua «romi», formavam um estranho casal; Ele, o moestro mais vil que saíra da raça humana e ela a mais provocante e sedutora das ciganas de Sevilha, servindo de espia, sempre que, para preciso, a Garcia e aos seus cúmplices.

Para cumprir uma destas missões, Carmen

alistara-se no exército de operárias garrulas que são as cigarriceiras de Sevilha.

Certo dia, os dragões veem render a guarda de bussacas ao depósito e fábrica de tabacos. E a hora a que as milhares operárias entram na fábrica numa grande algazarra de risos e descantes. Mas Don José, já com os galões de brigadas, não se interessa pelas anulaças; fazem-lhe medo e nem acredita que haja mulheres lindas senão na sua terra de plácidos sonhos dorados. Carmen também o não interessa quando passa junto d'ele mas, momentos depois... Carmen tem uma questão fútil com uma das compaheiras, e o seu sangue, turbulento, faz com que, em breve, as coisas se agravem e a adversária de Carmen cai no solo estafada no rosto pela cigana. A guarda interveio, o oficial prende a amante do «Zarólho» e manda que Don José, comandando uma escolta, leve a culpada para a cadeia da cidade.

Pelo caminho, a cigana segue em silêncio até à tortuosa rua da Serpente. Ah, em meia dúzia de palavras, a mulher de olhos de fogo convence Don José a deixá-la fugir. Os seus lábios distilam um veneno tão perturbador que o brigada não sabe resistir e dali a pouco, numa encruzilhada, Carmen foge, sendo a sua fuga protegida pelo mulheiro de pitoresco bairro e pelas colorações do mercado que, numa chuva de legumes sobre os soldados, lhes impedem que persigam a cigana arteira. Don José volta ao quartel, é preso e sofre baixa de posto.

R como soldado razo que faz sentinela à porta do comandante em noite de festa. Chega um coche e dentro d'ele as bailarinas contratadas para alegrar os convívios. Entra elas reconhece Don José a cigana a quem deu fuga. Carmen também o reconhece e si-bedora, em breves palavras, do castigo que o dragão recebeu diz-lhe, sedutora: «Vai uma noite à taberna de Lilas Pastia; come-se bem... e desaparece na esca em festa.

José vai à taberna de Lilas Pastia, um contrabandista e receptor, encontra ali Carmen e esta leva-o para as muralhas de Sevilha, preso no encantamento do fim do dia e dos seus olhos bruxos de cigana. A sombra vai descendo sobre a terra, lentamente, como que embalada no murmúrio apaixonado de Don José. De súbito, estridente, toca a recolher. Mas o soldado, enlaçado nos braços da tentadora que também sente alguma coisa de novo e belo e eterno, fica, arrostando por amor o castigo que o atingirá.

Mal acabam os dias de prisão que lhe impõem, Don José volta para junto de Carmen que acompanha de taberna em taberna, numa loucura. Uma noite, em que o apaixonado está de guarda às portas da cidade, Carmen de novo o envolve no seu feitiço. Don José vê que, na sombra, uma caravana de contrabandistas vai entrar na cidade, quer dar o alarme mas a cigana impede-o com os seus beijos, fechando-lhe os olhos, envolvendo-o na sua rede terrível, prometendo-lhe que essa noite o esperará em casa de Lilas Pastia.

Don José vai para junto de Carmen mas ao entrar na taberna encontra Carmen sentada junto dum oficial do regimento de dragões a que pertence. Desvarado de paixão e de ciúme, o soldado desmembra o sabre contra o oficial, este, defendendo-se, golpeia-lhe a face mas Don José mata-o com uma entilada terrível. O soldado foge mas, esgo-

lado pelo sangue perdido, vai cair inanimado numa rua deserta, onde Carmen o encontra e o socorre, levando-o para casa dum cigano velha onde o esconde e trata amorosamente. Uma semana depois, Don José, fugindo à sentença de morte pronunciada contra ele pelo tribunal marcial, está nas hostes do Dancairo, o chefe dos contrabandistas. Carmen volta à cidade numa missão que o chefe conserva secreta. Só muito depois, o Dancairo anuncia publicamente o que Carmen fora fazer; dar fuga no «Zarólho», que tinha caído nas mãos dos guardas-fiscais. Carmen volta e volta, diz o chefe, com o «Zarólho», com o seu «romi», com o seu marido e o autoritarismo daquele homem do norte. Os cães e os lobos não podem viver juntos. Estão refugiados numa casa de Granada e como Don José não pode sair sem risco de morte, Carmen apresenta-se sem explícitos. Um dia, tarde de toiros, o proscrito não resiste e saltando sobre um cavalo, vai espreitar Car-

Lucas, seu apaixonado, depois do triunfo obtido no primeiro toiro, leva-lhe a orelha que o aplauso do público lhe concede. O furor de Don José não tem limites mas o segundo toiro vingou-o. Cavalo e cavaleiro são enganados pelas hastas mortíferas da fera e Lucas, agonizante, e s p e r a a vida ver, no leito trágico da enfermaria, a cigana de olhos fatals. Mas Don José vedará-lhe a entrada, agarrará-a à força e a força a obrigará a subir para a garupa do cavalo que o tronque. Nesse momento, alguém reconhece o homem cuja cabeça está a prêmio e os lanceiros vão precipitar-se na pista dos fugitivos quando n um homem se lhe lança às rédeas dos cavalos; é o Dancairo, que assim salva Don José e Carmen para logo o perder a vida, va-



A felicidade cigana dissipa, provocante, na festa do comel de dragões...



O «Zarólho» obriga Carmen a servir-lhe de complice...

rado por um tiro de pistola dado à queima-roupa.

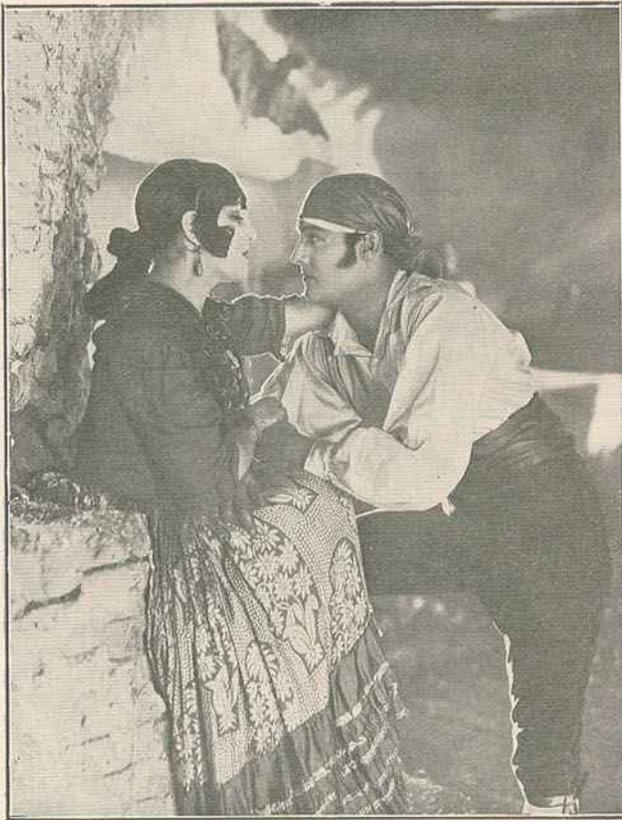
Don José leva Carmen para a montanha e pede a Carmen que mude de vida, que o acompanhe para outras terras onde possam viver em paz, do trabalho honrado... Mas Carmen responde tranqüilamente: «Já te não amo?... Estou farta de ti!» Nem as lágrimas nem as ameaças de Don José a comovem. Está farta, não o ama, não o quer. Um último olhar desvarado sobre o pobre apaixonado e a cigana cai-lhe aos pés, o coração varado por uma puntalada. Don José olha por um momento o cadáver da mulher adorada e horas depois dá-se à prisão no posto da guarda mais próximo.

E assim acabaram os trágicos amores do desventurado inarrável e da cigana ardente que lêra, impassível, nas cartas, que ela e o amante morreriam um pelo outro.

Maxwell L'Herbier, o ensenador de cavantardes, vai fazer uma curíossissima adaptação cinematográfica do célebre romance «L'Argent», de Emile Zola.

Roscoe Arbuckle, o popularíssimo Fatty, que no cinema americano esboçara por momentos dum puritanismo algo exagerado, está actualmente em Inglaterra, onde produzirá alguns filmes, depois do que virá para França para interpretar o protagonista dum grande filme cómico.

Sidney Chaplin chegou a Inglaterra para trabalhar com Betty Balfour para a British Int. Films. O grande cómico Charlie Chaplin também deve chegar ao Reino Unido em breve; e começará logo a realizar os interiores



Don José mirava-se apaixonado, nos olhos fatais da sua Carmen . . .

de «O club dos suicidas», cujos exteriores serão executados em França.

* *

Henri Dupuy Mazuel, que já escreveu os argumentos dos dois filmes triunfais de Raymond Bernard, «Milagre dos lobos» e «O jogador de xadrez», vai escrever novo cenário para uma grande obra cinematográfica europeia, «Les Hommes de bonne volonté», propaganda colossal da Sociedade das Nações e da sua obra de pacificação mundial.

* *

Os últimos sucessos de Paris são: «Morgane la Sirène», de Leonce Perret, «Le Chevalier à la Rose», de Strauss, encenação de Robert Wiene, o criador do «Gabinete do Dr. Galigari», com Huguette Dufflos e Jacque Catelain, «Ressurreição», de Tolstoi, com Rod La Rocque e Dolores del Rio, «Le Singe qui parle», da Fox, e «Le maitre de poste», filme de produção soviética, com Ivan Moskvin, o grande artista slavo que não deve ser confundido com Mosjoukine.

* *

O próximo grande filme de Cecil B. de Mille será «O brigadeiro Gerard», de Conan Doyle, e o protagonista Rod La Rocque. Será um triunfo novo da marca P. D. C., cujo actual super-filme «O Rei dos Reis» (Vida de Jesus) tem marcado como a melhor produção do ano.

* *

Agradou sem reservas na sua primeira apresentação ao público de Paris, a nova produção de René Clair para a «Albatros» e que é a adaptação rigorosa da célebre comédia de Labiche «O chapéu de palha de Itália».

lia». A crítica classifica este filme de extraordinário estudo de costumes e declara que ele é uma *charge* à época ridícula em que decorre a sua acção, *charge* tão cruel e penetrante que Forain ou Caran d'Ache se envaideceriam de a assinar.

* *

Alberto Cavalcanti, o jovem decorador brasileiro é o triunfador da hora actual na cinematografia francesa. Depois do triunfo obtido em «En Rade», o nável encenador empreendeu a realização da deliciosa novela «Ivette», de Guy de Maupassant, tendo como intérprete Catarina Hessling e como decorador o arrojado artista Eric Aes.

* *

Claudia Victorix, a grande cantora, esposa de Jean Tedesco, director do «Vieux Colombier» cinema de vanguarda, acaba de fazer o seu primeiro grande filme

dum elenco em que se encontram os nomes de Gertrude Astor, Creiptan Hale, Forest Stanley, Tull Marshall e George Siegman.

* *

As grandes companhias americanas tiveram, no ano passado, lucros líquidos entre dois e seis milhões de dolares por cada uma.

* *

O Roxy Theatre de Nova York é o maior cinema do mundo. A sua lotação formidável é constituída por 6.200 *fauteils* e os *promenoirs* enormes e confortáveis levam ainda umas duas mil pessoas.

* *

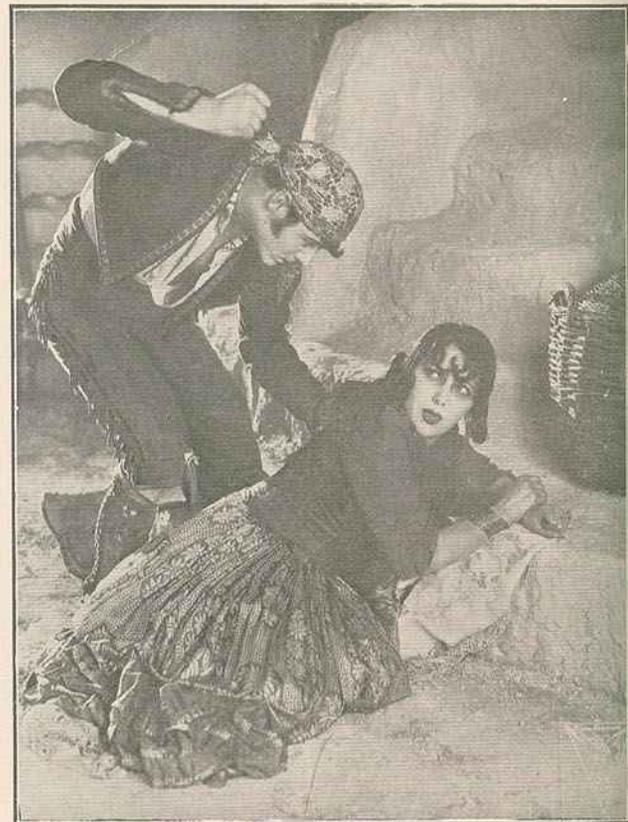
Huguette Dufflos acaba de se divorciar do eminente artista Rafael Dufflos, sócio da Comedie Française. Em virtude deste divórcio a loira «estrêla» francesa passará a figurar nos filmes com o único nome de Huguette.

* *

Uma transmissão defeituosa anunciou ao mundo que morrera o grande actor Lars Hanson dum desastre de automóvel. Afinal a vítima não foi o prodigioso intérprete suco de tantos grandes filmes, mas sim o actor Ginar Hanson, também muito apreciado em alguns grandes trabalhos do cinema.

* *

Douglas Fairbanks Júnior vai casar com a encantadora Helena Costello, irmã de Dolores Costello e filha do inolvidável actor Maurício Costello, um dos pioneiros do cinema americano, grande favorito de todos os públicos quando trabalhava na casa Vitagraph.



O ciúme feroz explodiu no coração do pobre Louco de amor e então . . .



O MUNDO PERDIDO

GRANDE ROMANCE DE AVENTURAS

por Conan Doyle



(Continuação do n.º 39)

— Palavra de honra, lord John Roxton, o senhor permite-se umas certas liberdades!...

— Limite-me a verificar um facto.

— Mudemos de assunto, se faz favor. As suas reflexões são tão descabidas como ininteligíveis. Temos que nos ocupar destes índios. Que fazer? O melhor será, evidentemente, reconduzi-los às suas habitações, se pudermos saber onde elles habitam.

— Quanto a isso não é difícil — disse eu.

— Vivem nunas cavernas do lado de lá do lago central.

— O nosso amigo verificou efectivamente

o facto. Presumo que daqui até lá deve ser uma distância regular

— Umhas boas vinte milhas.

— Pela minha parte — resmungou Summerlee — nunca lá poderia chegar. Esperem!... Ainda ouço esses brutos! Eles dão-nos caça.

— Lá para o fundo dos bosques, muito ao longe, ressoava o grito dos homens-macacos. Os índios gemiam de medo.

— É preciso que levantemos o acampamento e quanto antes — disse lord John. — Malone ajudará Summerlee. Os índios levam as provisões. Safemo-nos, antes que nos surpreendam!

Em menos de meia hora atingimos a espessura do mato onde eu e lord John tínhamos já estado abrigados e ali nos escondemos todos.

Durante todo o dia ouvimos na direcção do acampamento, os gritos excitados dos homens - macacos, mas não vimos nenhum nas proximidades, e assim, todos nós, brancos e índios, conseguimos gosar as doçuras dum longo sono. Dormia ainda quando senti que me puxavam pela manga e vi Challenger de joelhos a meu lado.

— Malone — disse êle num tom grave — o

senhor tem um diário da expedição e conta publicá-lo um dia.

— Não estou aqui senão como membro da imprensa — respondi.

— Exactamente. Talvez tivesse ouvido certas reflexões, assás impertinentes, de lord John Roxton, que pareciam indicar que qualquer... qualquer semelhança...

— Ouvi-as, com effeito.

— Será escusado dizer-lhe que qualquer publicidade dada a essas palavras, qualquer leviandade no relato dos acontecimentos seriam para mim uma offensa.

— Cingir-me-hei restritamente à verdade.

— Lord John tem, muitas vezes, destas observações fantasistas, e assim pa-

Calou-se, por momentos, mas logo acrescentou :

— O rei dos homens-macacos era, na verdade, uma criatura distinta, uma personalidade duma intelligência e duma beleza notáveis. Estas qualidades davam na vista, não é verdade?

— Eram perfeitamente notáveis — disse eu.

O professor, tranquilisado, estirou-se, de novo, para dormir, na sua improvisada

++++

CAPITULO XIV

AS VERDADEIRAS CONQUISTAS

Supúnhamos que os homens-macacos ignoravam o nosso refúgio no mato, mas em breve iríamos reconhecer o nosso erro. A floresta estava silenciosa ; nem uma fôlha mexia nas árvores ; ao nosso redor reinava a paz. A primeira experiência já devia ter bastado para nos edificar acêra da malleia e da paciência desses entes, quando tratam de espreitar o momento propício. Esteja para me acontecer na vida o que estiver, estou certo de que nunca verei a morte mais de perto do que a vi nessa manhã.

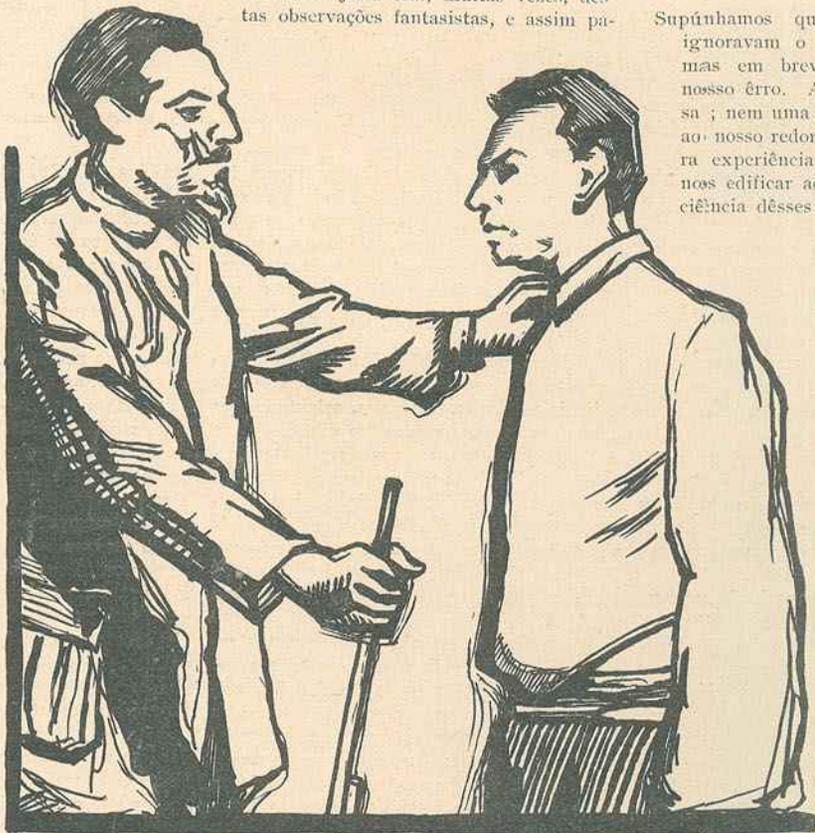
— Mas vamos com método.

Acordámos quebrados pelas emoções e pelo jejum forçado da véspera. Summerlee só com grande esforço se mantinha em pé, mas havia neste homem uma espécie de coragem teimosa, que não se ressentia da idade e que persistia sempre. Reúnimos conselho.

Concordámos em ficarmos tranquilamente no mesmo sítio mais uma ou duas horas, em restaurarmos as nossas forças, como precisá-

vamos, e em metermo-nos depois a caminho para alcançarmos, através do planalto, na outra margem do lago central, as cavernas em que, segundo eu verificára, os índios tinham o seu domicilio.

Contávamos com aqueles que havíamos



— Malone ajudará Summerlee . . .

receu-lhe que devia attribuir a razões absurdas o respeito que as raças mais atrasadas manifestam sempre pela dignidade e pelo carácter. Compreende?

— Perfeitamente.

— Confio-me à sua discreção.

socorrido, para nos garantirem ali uma calorosa recepção, em seguida ao que, tendo cumprido a nossa missão e penetrado já bastante os segredos da Terra de Maple White, nos aplicaríamos unicamente a resolver o problema vital da evasão e do regresso. O próprio Challenger estava disposto a admitir que, nestas condições, teríamos realizado o objectivo da nossa viagem e que desde então devíamos à civilização os benefícios das nossas descobertas.

Podíamos, agora, examinar à vontade os nossos índios. Eram homens pequenos de corpo, vivos, bem proporcionados, usando o cabelo preto amarrado no occipital com uma correia e não tendo como vestuário mais do que um cinto de coiro que lhes cingia os rins.

O rosto, sem um pêlo de barba, era harmónico de linhas e tinha um certo ar de bom humor. Deduzimos que usavam ornamento nas orelhas, porque, para lhes arrancarem, lhes tinham rasgado e ensanguentado os lóbulos. Falavam uma língua suave, absolutamente incompreensível para nós. Como a palavra «Accala» era muitas vezes pronunciada conjecturámos que era êsse o nome da sua tribo.

Por vezes olhavam para os bosques com olhares cheios de medo e de ódio, estendiam o punho fechado e exclamavam: «Doda! Doda!», que era, certamente, o nome pelo qual êles designavam os seus inimigos.

— O que pensa de tudo isto, Challenger? — perguntou lord Roxton. — Quanto a mim, não tenho dúvidas de que aquele mais pequeno, o que tem o cabelo rapado por cima da testa, é um dos chefes.

Com efeito, o índio em questão mantinha visivelmente os outros a distância e nunca êles lhe dirigiam a palavra senão prodigalizando-lhe sinais de respeito. Parecia o mais novo de todos, mas era tão arrogante e altivo que, tendo-lhe Challenger posto a mão no ombro, os seus olhos negros fuzilaram, fez um movimento brusco como um puro-sangue ao contacto da espora e desviou-se, depois do que, numa atitude nobre, os braços cruzados, pronunciou muitas vezes a palavra «Maretas».

O professor, que não se desconcertava com tão pouco, tomou pelo ombro o índio mais próximo e começou a fazer acérrca dêle uma prelecção, como se estivesse apresentando num local um espécimen de anfiteatro.

— Considerando a sua capacidade craneana, o seu ângulo facial e outras características — enunciou êle, com a sua habitual redundância — não podemos considerar êstes homens como produtos dum tipo inferior; pelo contrário devemos collocá-los num grau da escala do qual ficam muito afastadas muitas das tribus sul-americanas. Nenhuma hipótese poderia explicar a evolução desta raça neste lugar. Um intervalo tão grande separa já os homens-macacos dos animais que sobreviveram neste planalto que, do mesmo modo, não se pode admitir que êles se tenham desenvolvido ali, onde os encontramos.

— Então, de onde caíram êles? — perguntou lord John.

— Eis aí — respondeu o professor — uma questão que certamente vai levantar apaixonadas discussões entre os sábios da Europa

e da América. A minha opinião, que emito pelo que ela vale...

Um pouco inclinado, Challenger percorreu com o olhar insolente o seu atento auditório:

— ...é que, nas condições particulares dêste país, a evolução só abrangeu os vertebrados, deixando que os velhos tipos sobrevivessem e coexistissem com os novos. Daí resulta encontrarmos aqui animais tão modernos como o tapir — que, de resto, tem uma idade respeitável — o grande gamo e o tamandará, em companhia de reptis do período jurássico. No que respeita aos homens-macacos e aos índios, que explicação científica se pode dar da sua presença? Só vejo uma: a invasão.

Deve ter existido, outrora, no sul da América, um macaco antropeide, que, tendo encontrado um caminho para êste planalto, aqui se desenvolveu até êsses homens-macacos que nós vimos e entre os quais alguns...

Challenger olhou-me fixamente.

— ...tinham um aspecto, uma forma que, se a estas qualidades a inteligência correspondesse, seria a honra de tôda a raça viva. Quanto aos índios, não duvido de que a sua imigração seja mais recente ainda. Sob a pressão da fome ou da conquista, teriam subido da planície e, encontrando-se em frente de seres ferozes que êles nunca tinham visto, teriam procurado asilo nas cavernas de que nos falou o nosso amigo.

«Evidentemente, terão tido muito que lutar para aqui se manterem, por causa dos animais selvagens, por causa, sobretudo, dos homens-macacos, que deviam olhá-los como intrusos e contra os quais deverão ter travado uma luta sem tréguas, em que levam a vantagem da sua inteligência. Se o seu número parece limitado, isto resulta do próprio rigor dessa luta. E então, meus senhores, dei-lhes a chave do enigma? Há algum ponto da minha demonstração que ponham em dúvida?

Summerlee, muito alquebrado, contentou-se com sacudir violentamente a cabeça em sinal de reprovação geral. Lord John, afagando o cabelo, declarou que não se sentia com autoridade para entrar numa controvérsia. Quanto a mim, continuei representando o meu papel de sempre: recondizi as coisas ao nível prosaico e prático, fazendo notar que faltava um dos índios.

— Mandámo-lo buscar água — disse lord John.

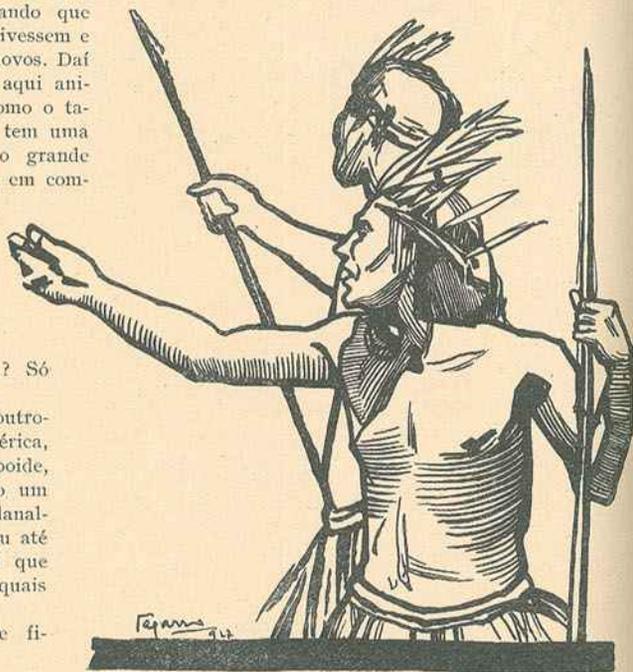
— Ao acampamento?

— Não, ao regato, que corre por aí, a cerca de duzentas jardas, por entre as árvores.

— Vou dar uma vista de olhos por êsse lado.

Pegando na carabina, deixei os meus amigos a tratar do nosso frugal almôço e tomei

a direcção do regato. Achar-me-hão talvez imprudente por deixar o refúgio por pouco que dêle tencionasse afastar-me, mas devem lembrar-se de que estávamos a muitas milhas da cidade dos macacos, que acreditávamos tê-los desorientado e que, com a minha



Por vezes olhavam para os bosques com olhares cheios de medo e de ódio, estendiam o punho fechado e exclamavam: Doda! Doda!

carabina na mão, eu nada temia. E que eu desconhecía a sua força e a sua astúcia.

Sentia, na minha frente, o murmúrio do regato, mas as árvores e as silvas ocultavam-no ainda à minha vista. Enquanto me encaminhava para aquele ponto, que estava fora do alcance das vistas dos meus companheiros, notei, debaixo duma árvore, entre o mato, uma massa informe e fiquei assombrado quando, ao aproximar-me, reconheci o cadáver do nosso índio. Estava deitado de lado, a cabeça voltada, o corpo torcido, parecendo olhar por cima do ombro. Gritei para dar o alarme e precipitei-me para examinar o corpo.

Nêsse momento o meu anjo da guarda devia estar bem vigilante, porque um instinto de apreensão ou um movimento de fôlhas me fez levantar os olhos. Dentre a densa ramagem, que pendia sobre a minha cabeça, desciam lentamente dois compridos braços musculosos, revestidos dum pêlo avermelhado. Um segundo mais e as duas grandes mãos ter-me-iam apertado a garganta. Dei um salto para trás, as mãos desceram mais rápidas, mas se consegui escapar ao apertão fatal com o recuo, nem por isso uma delas deixou de me empolgar a nuca, enquanto a outra me tapava o rosto. Levantei os braços para proteger a garganta, mas logo a mão que me cobria a cara deslizou apertando-me os pulsos. Senti-me ligeiramente levantar do chão, ao mesmo tempo que uma intolerável tração se exercia na parte de trás da cabeça, distendendo-me as vértebras. Começava a desfalecer e, todavia, continuei a debater-me: forcei a mão que me agarrava pelo pescoço a largar a prêsna, ergui a cabeça e vi

uma face medonha, com uns olhos azuis, frios, claros, inexoráveis, fitos nos meus. Esses terríveis olhos tinham uma espécie de poder hipnótico, quebravam-me toda a resistência.

O bruto sentia-me desfalecer e, durante um momento, dois caninos brilharam-lhe ao canto da boca, cinco dedos de novo me empolgaram o pescoço, soerguendo-me e fazendo-me ceder. Diante dos meus olhos formou-se um círculo de bruma de várias cores; sinos de prata repicavam-me aos ouvidos; ouvi, surdamente, como muito ao longe, a detonação de uma carabina; tive a impressão de uma queda, de um choque, e perdi os sentidos.

Quando tornei a mim, encontrei-me deitado sobre a erva, no nosso refúgio. Lord John aspergia-me o rosto com água, que tinham trazido do regato, enquanto Challenger e Summerlee me amparavam, com uma inquietação tal que, sob a sua máscara de ciência, eu tive tempo de entrever almas humanas. Fôra principalmente o choque que me provocara a síncope. Não tinha ferimento algum e, ao cabo de meia hora, estava de pé, com uma forte enxaqueca e um certo endurecimento doloroso no pescoço, mas pronto já para qualquer eventualidade.

— Por um pouco ia lá ficando, meu rapaz! — disse-me lord John. — Quando ouvi o seu grito, larguei a correr, mas quando o vi a pernear no espaço, com a cabeça torcida e quasi a sair-lhe dos ombros, julguei que chegava tarde demais. Na agitação em que estava errei o bruto, mas elle, a pesar disso, largou-o e desapareceu como um relâmpago.



Gritei para dar o alarme e precipitei-me para examinar o corpo

By George! se eu tivesse comigo cinquenta homens armados de carabinas rapidamente expurgaria o país deste bando infernal e havia de deixá-lo bem mais limpo do que nós o encontramos!

Os homens-macacos tinham-nos, pois, des-

coberto e espiavam-nos por todos os lados. Em rigor, durante o dia, nada tínhamos a temer da sua vizinhança, mas era provável que não passassem a noite sem nos atacar e portanto o melhor era abalar o mais rapidamente possível. Em três quartas partes da região onde estávamos tudo era floresta, na qual nos arriscávamos a cair numa emboscada; na parte restante, que descia para o lago, só havia mata, com algumas árvores dispersas e, de longe em longe, uma clareira. Era o mesmo caminho que eu tinha tomado na minha viagem solitária, que conduzia directamente às cavernas dos índios e que as circunstâncias nos impunham que seguissemos.

Pezava-nos termos de deixar atrás de nós o nosso acampamento, não só porque nelle ficava uma parte das nossas provisões, mas ainda porque perdíamos o contacto com Zambo, o unico laço que ainda nos ligava ao mundo. De resto, com as nossas quatro armas e o número de cartuchos de que dispúnhamos podíamos, durante um certo tempo, contar connôco e esperávamos, com a ajuda da sorte, poder em breve regressar ao acampamento e restabelecer as nossas comunicações com o negro. Ele tinha prometido manter-se no seu posto e cumpria a sua palavra.

Partimos logo às primeiras horas da tarde. O pequeno chefe indio caminhava à frente, servindo de guia, tendo-se recusado, com indignação, a transportar qualquer fardo. Atrás d'ele marchavam os dois índios sobreviventes, carregando as nossas provisões, bem reduzidas, por nosso mal. Lord John, os dois professores e eu, com as carabinas carregadas, formávamos a retaguarda. No momento em que nos pusemos a caminho, os homens-macacos, súbitamente, fizeram ouvir um grande clamor, ou porque triunfasssem com a nossa partida ou porque quisessem insultar-nos pela nossa fuga. Ouvindo os gritos, voltámo-nos. Por detrás de nós o muro verde das árvores mantinha-se impenetrável; mas aquele clamor, que se prolongava, mostrava-nos quantos inimigos ali estavam dissimulados. Os homens-macacos não davam indícios de nos quererem perseguir e em breve lhes escapámos, desembocando em

terreno livre. Alargando o passo, no extremo da fila, eu contemplava os meus três companheiros, que me precediam e não podia deixar de me sorrir. Era aquele o faustoso lord John Roxton que, numa noite, eu vira em Albany, entre os seus tapetes da Pérsia

e os seus quadros, sob a claridade rósea das lâmpadas eléctricas? Era aquele outro o imponente professor que se ostentava por trás duma grande secretária, no gabinete de Emmore Park? E esse outro, enfim, era o personagem pretensioso e austero que surgira na reunião do Instituto Zoológico? Três vagabundos, encontrados num atalho de Surrey, não teriam um aspecto mais miserável. Sem dúvida havia só uma semana que estávamos no planalto, mas tínhamos deixado lá em baixo, na planície a roupa para mudar e aquela semana a todos nos tratara mal, um pouco menos a mim, todavia, porque eu não tivera que sofrer os maus tratos dos homens-macacos. Os meus três amigos tinham perdido os chapéus, os fatos pendiam-lhes do corpo em farrapos, as caras sujas e negras da barba eram irreconhecíveis. Summerlee e Challenger coxeavam; eu próprio, ressentido da queda, mais me arrastava do que caminhava e tinha o pescoço mais duro do que uma tábua. Era bem lamentável o nosso aspecto e por isso eu não me admirava que, por vezes, os índios nos olhassem com um espanto a que se misturava o horror.

Quasi ao findar o dia, chegámos à beira do lago. Quando deixámos o mata e avistámos o lençol de água, os nossos amigos indigenas, soltando gritos de alegria, puseram-se a apontar-nos com grandes gestos um determinado sitio na sua frente.

Presenciámos então o mais imprevisito dos espectáculos; uma flotilha de pequenos botes, deslisando sobre a superficie pulida do lago, dirigia-se para a margem onde nós estávamos. Estava ainda a muitas milhas quando a avistámos, mas avançava com grande velocidade e em pouco tempo estava tão perto de nós que os remadores puderam distinguir-nos individualmente. De súbito, produziu-se entre elles uma explosão de alegria; vimo-los pôrem-se em pé, nos barcos, brandindo como loucos os pangaos e as lanças, em seguida ao que, pondo-se novamente a remar, conduziram as canoas até à margem, vararam os barcos na areia e correram a prostrar-se, com transportes e exclamações de alegria, aos pés do chefe, que estava connôco. Por fim, um deles, homem idoso, que tinha um colar e um bracelete de grossas bolas de vidro e que trazia sobre os ombros a pele dum belo animal côr de âmbar mosqueado, avançou e tomou ternamente entre os braços o rapaz que nós tínhamos salvo. Depois, tendo-nos inspeccionado com o olhar, fez-lhe algumas perguntas, veio até nós com um ar de dignidade e abraçou-nos um por um, e toda a tribo, por sua ordem, se prostrou por terra para nos render homenagem. Pela parte que me tocava, estas manifestações de adoração intimidavam-me e incomodavam-me e nos rostos de Summerlee e lord John eu lia impressões análogas, mas Challenger, esse, pavoneava-se todo.

— É possível que sejam entes primitivos — disse elle, coifiando a barba — mas a sua attitude: em presença de criaturas superiores podia servir de exemplo a muitos europeus mais adiantados. Que estranha coisa é a instintiva correcção do selvagem!

Aquella gente tinha, sem dúvida, empreendido uma jornada guerreira, porque todos elles traziam a sua lança — um comprido bambu terminado por um ôsso — o seu arco, as suas flexas e da cinta pendia-lhes uma espécie de massa ou ++++ de combate.

Os olhares de sombria cólera que êles lançavam para o lado da floresta, a palavra «Doda» que êles repetiam sem cessar, tudo nos provava que êles se tinham posto a caminho para salvar ou vingar aquele a quem presentemente podíamos considerar como filho do velho chefe da tribo. Acocorada em círculo, a tribo reuniu conselho, a que assistimos, sentados num pedaço de balasto.

Dois ou três guerreiros usaram da palavra e por fim o moço chefe nosso amigo pronunciou um discurso inflamado, o qual, pela eloquência da sua fisionomia e dos seus gestos, se nos tornou tão compreensível como se lhe tivéssemos percebido as próprias palavras.

— Para que nos serve — dizia êle — voltar para trás? Tarde ou cedo temos de concluir a empresa. Pouco importa que eu voltasse são e salvo. Masacraram camaradas nossos. Nunca estamos seguros. Eis-nos aqui refiados e prontos para marchar.

Apontou então para nós :

— Estes homens estranhos são nossos amigos. Fêles dispõem (com o dedo indicava o céu) do relâmpago e do raio. Quando encontrarmos assim outro cunsejo? Marchemos! Morramos já ou asseguremos de vez o futuro. Se retrocedermos, como nos apresentaremos, sem nos envergonhar, diante das nossas mulheres?

Os diminutos guerreiros vermelhos bebiam as palavras do orador. Quando êste terminou, êles romperam em aplausos, brandindo as suas grosseiras armas. O velho chefe adiantou-se e, com a mão estendida para a floresta, fez-nos uma pergunta. Lord John fez-lhe sinal para que esperasse e, voltando-se para nós, disse-nos :

— Decidam o que querem fazer. Pela minha parte, tenho umas contas a ajustar com êsses senhores macacos e se disto resultar varremo-los da superfície da terra, creio que a terra não terá motivos para se afligir com isso. Junto-me, portanto, a êstes nossos camaradas vermelhos. Tenho interêsse em os ver a trabalhar. O que diz, amigo Malone?

- Que vou também, está claro.
- E Challenger?
- Que o acompanho.
- E Summerlee, o que diz?
- Que me parece que perdemos de vista o objecto da nossa viagem, lord John. Quando deixei a regência da minha cadeira em Londres, não pensava, confesso, que se tratava de conduzir uma excursão de selvagens contra uma colônia de macacos antropoides.
- Ora vejam a que baixas funções nós desecemos! — disse lord John sorrindo. — Mas o

nosso partido está tomado, tome também o seu.

— Continuo — obstinava-se Summerlee — a achar a sua decisão muito desrazoável. De resto, se todos vão, eu não poderei ficar.

— Isso resolve tudo! — disse lord John.

E virando-se para o chefe exprimiu-lhe o nosso assentimento com um aceno de cabeça e uma palmada na carabina. O velho apertou-nos as mãos e os seus homens aclamaram-nos. Como era já muito tarde para marchar, os índios organizaram uma espécie de bivaque. Enquanto a maior parte dêles acendia fogueiras, uns outros que, durante um momento, tinham desaparecido entre a espessura, reapareceram, empurrando na sua frente um iguanodon novo. Tinha na espádua aquella mesma placa de asfalto que nós já tínhamos notado nos seus congêneres; e



De súbito, produziu-se entre êles uma explosão de alegria; vimo-los pôem-se em pé nos barcos, brandindo como loucos os paugaios e as lanças...

quando vimos um dos indígenas avançar e, com ar de proprietário, autorizar que o animal fôsse abatido, só então compreendemos que êsses animais gigantes eram gado particular e que as marcas que tanto nos tinham intrigado eram simplesmente o distintivo do rebanho de que faziam parte.

Desarmados, apáticos, erbívoros, dispondo de membros enormes, mas desprovidos de cérebro, deixavam-se conduzir por uma criança. O iguanodon foi esquarterado em poucos minutos e os grandes nacos de carne postos a assar sobre a dúzia de fogueiras do acampamento, juntos com alguns peixes pescados com lanças.

Enquanto Summerlee dormia, deitado na areia, nós errávamos, curiosamente, à beira da água. Por duas vezes encontrámos covas cheias de argila azul, como a que já víramos no pântano dos pterodactilos e estas antigas crateras interessavam lord Roxton no mais alto grau. Challenger, por seu lado, observava um charco de lama quente, à superfície do qual vinham rebentar grossas bôlhas gasosas. Mergulhou na lama uma cana deca e pôs-se a gritar de alegria quando, ao aproximar-lhe um fósforo, determinou uma ex-

plosão e o aparecimento duma chama azul na extremidade do tubo. A sua alegria não conheceu limites ao ver uma bolsa de coiro, emborcada sobre as canas, encher-se e subir no ar.

— Um gás inflamável e sensivelmente mais leve do que o ar!... Não hesito em afirmar que contém uma porção considerável de hidrogénio livre. Meus amigos, decididamente Jorge Eduardo Challenger não está ainda exgotado de todo, pode ainda fazer como um grande cérebro molda a natureza às suas necessidades.

Qualquer secreto plano o enchia de importância, mas não adiantou nem mais uma palavra.

Para mim, nada do que em redor via me parecia tão prodigioso como o próprio lago. Em virtude do número e do ruído que faziamos,

havíamos espantado para longe todos os animais e a excepção de alguns pterodactilos, que voavam por sobre as nossas cabeças, esperando apanhar os restos do nosso repasto, nada se agitava em redor do acampamento. Pelo contrário, as águas do lago central, rosadas sob o crepúsculo, fervilhavam de vida. Compridos dorsos cor de ardósia, altas barbatanas denteadas surgiam por entre a espuma prateada e logo mergulhavam nas profundezas. Formas irregulares e rastejantes, tartarugas desmesuradas, sânnrios extravagantes, povoaavam os bancos de areia; um animal

grande, de forma achatada, semelhante um pedaço de coiro, gorduroso e negro, descia para o lago em contorções.

Aquí e ali, erguia-se de súbito uma cabeça sobre um pescoço de serpente, que a água abria-se, cingia com um collar de espuma formando círculos, enquanto ella deslizava, estendendo-se e contraíndo-se, com a graça ondulante de um cisne. Vimos um dêsses animais subir a um banco de areia, à distancia de alguns centos de jardas: tinha um corpo enorme em forma de tonel, munido de barbatanas. Summerlee, que acabára de chegar junto de nós e Challenger entoaram um dueto de entusiasmo.

— Um plesiosauro! Um plesiosauro de água doce! — exclamou Summerlee. — Bendito seja, meu caro Challenger, entre todos os zoólogos presentes e passados.

A noite descia e já as fogueiras dos índios vermelhejavam na sombra, quando os dois homens de sciência conseguiram arrancar-se à magia dêste espectáculo. Estendemo-nos sobre a areia da praia e, nas trevas, ainda do lago nos vinha o ruído do espadanar da água ou de um mergulho.

(Continua)

LIVROS E ESCRITORES

Duma pléiada de belos espíritos que imprimiram às letras portuguesas um brilho singular nos finais do século último, o sr. Luís de Magalhães, iludindo não só a morte que destroçou tantos dos seus companheiros como também a acção debilitadora dos anos, consegue ainda manter forte e combativa a sua inteligência, embora só de longe a longa e condescenda hoje em aplicá-la em obra de fôlego, tal como a que há pouco tirou do prelo e intitulou *Tradicionalismo e Constitucionalismo*. Nascido duma controvérsia provocada por afirmações dum escritor integralista, este feixe de estudos de história e política nacional põe com amplitude o problema da legitimidade da sucessão à coroa portuguesa, que ainda hoje acende ódios entre os partidários de D. Pedro IV e de D. Miguel.

Muito impressionante, sobretudo, se nos apresenta o capítulo que estabelece confronto entre o terror «branco» e o terror «azul e branco». Fecha, porém, não em som de guerra, mas antes preconizando o entendimento das duas facções da causa monárquica — braços do mesmo rio que nele devem fundir as suas águas.

Ideias de outros, do sr. Eduardo Scarlatti, é um livro sobremodo curioso, constituído por ensaios sobre literatura e estética teatral, seguidos duma pequena novela. Esta última produção, auto-biográfica, explica, em tom humorístico, o motivo da publicação desses trabalhos em volume, no que o autor seguramente andou bem. Trata-se nessas páginas dos progressos e do significado do cinematógrafo, da moral no teatro moderno, da grande virtuosidade de declamação que é Berta Singerman, da «Goya», e duma galharda teoria de renovadores do teatro, entre os quais Antone Tchekhov, François de Curel, Pirandello, Maeterlinck e Lenormand. Se bem que por vezes a expressão não seja nítida, é uma obra que vale pelo muito que informa sobre a dramaturgia contemporânea e suas directrizes.

A estação do veraneio *bat son plein*, pelo que todas as localidades em condições de atraírem aos seus ares e águas a multidão dos avariados das vísceras ou os simples insofridos do calor ou da fadiga rufam nesta hora bem alto o tambor da propaganda. Caldas da Rainha, que aspira a ser preferida entre as termas portuguesas e se gaba de acrisolar uma arte maravilhosa, a da cerâmica, não se descuidou de convocar a tempo os veraneantes: além de vistosas cartazes que por êsse país fora nos convencem de que está ali um retalho do paraíso, fez agora circular uma mimosa brochura de sugestivo recheio, crónica e roteiro da formosa vila,



O sr. Delfim Guimarães não é poeta como queria Ronsard que fôsse os poetas: *épris de l'avenir*. A sua musa não é divinatória, não rasga a golpes de inspiração os véus do futuro, não força o universo a revelar os seus segredos, não amplia o conhecimento da



alma humana. A sua musa é, de preferência, evocativa: olha o passado e desfia saudades, quer o passado da pátria, quer o próprio passado do autor. Recordações da infância, idade de ouro de cuja perda mais nenhuma alegria na vida nos compensam, perfis familiares e elogios de paisagens e velhas e encantadores usages

de Portugal — eis os temas dos seus versos, escritos, na sua maioria, pelo menos neste volume *Alma Portuguesa*, que êle acaba de recitar com muita matéria inédita e desenhos de Santos Silva (Alonso), para consólo dos muitos portugueses expatriados — pois a lembrança dos lugares e das scenas da terra natal é sempre balsamo para aqueles a quem exerceu a saudade. Supérfluo é dizer que essas composições do sr. Delfim Guimarães apresentam linguagem vazada nos bons moldes da poética, de há muito na sua posse.

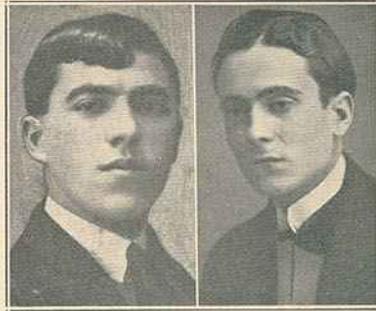
Quanto o amor frívolo dos salões e da gente *smart* dista do amor ingénuo da aldeia e da gente rude, quiz-nos demonstrar, elogiando o segundo, descrevendo-o em sugestivos quadros, o sr. Carlos Lobo de Oliveira, numa ligeira mas encantadora conferência agora editada e proferida em tempos no Rio de Janeiro: *O namôro em Portugal*. O autor, que já se nos revelara como poeta de fina sensibilidade no *Roteiro das Saudades*, nesta obrázinha confirma os seus dons literários, que embellem as suas raízes no veio nacionalista, protestando assim contra a corrente, hoje tão impetuosa, da literatura cosmopolita, que, a não haver reacção, tornará uniformes o viver e a alma de todos os povos. Embrechados nos conceitos do autor surgem-nos ali algumas quadras populares, verdadeiras joias de inspiração.

de cinco contos tradicionais indígenas. Lêmo-lo com persistente interesse, a êsse fabulário negro, a essa amostra duma literatura «desconhecida», como acertadamente diz o seu compilador, que conservou às narrativas toda a fidelidade.

Ao cabo da sua centena de páginas, em que um cágado subiu ao céu e um escaravelho venceu uma águia e outras façanhas de animais, com seu fundo de moralidade, se encontram, ficamos a dizer com nossos botões: afinal, a imaginação da raça africana ent nada é inferior à da raça europeia. Pelo que, se êste livro passar despercebido, quem perde é o leitor.

Temperamento artístico de primeira água, a quem o nosso meio, tão lento em gerar iniciativas de grande envergadura cultural e estética, deve brilhantíssimas manifestações no campo da música e do canto, por seu intermédio tornando-se aqui conhecidos os maiores compositores modernos da Europa e também os alheios à nossa época e ao nosso continente, pois os saraus que amiúde esta ilustre senhora promove, pelo seu carácter cíclico, representam perfeitos capítulos da história musical, — a sr.^a D. Ema Romero Santos-Fonseca exerce também o apostolado a que se votou através do livro. O último que trouxe a lume denomina-se *Arte do Canto*. Modestamente indicado como composto de breves noções para guia de principiantes, suas páginas sintetizam tudo o que de definitivo os competentes tem escrito na matéria, de mistura com muito que é fruto do espírito da própria autora, fruto da sua larga experiência e da sua intuição privilegiada. Ensinase aqui como se canta e porque se canta, correndo a escala de assuntos desde a anatomia dos órgãos vocais aos preceitos higiênicos que deve praticar o cantor, para o ser de verdade e por longo tempo.

Para ler na praia... é uma brochura de que são autores os srs. Zuzarte de Mendonça (Filho) e Arnaldo Malhóu Miguéis: formam-na pequenos trechos de prosa fácil, com leves reminiscências da maneira de Gervásio Lobato, comentado humoristicamente figuras



e scenas típicas da nossa sociedade elegante — a que o é deveras e a *soi-disant*. Por isso a obra fica definida no seu sub-título: «blagues» da vida mundana.

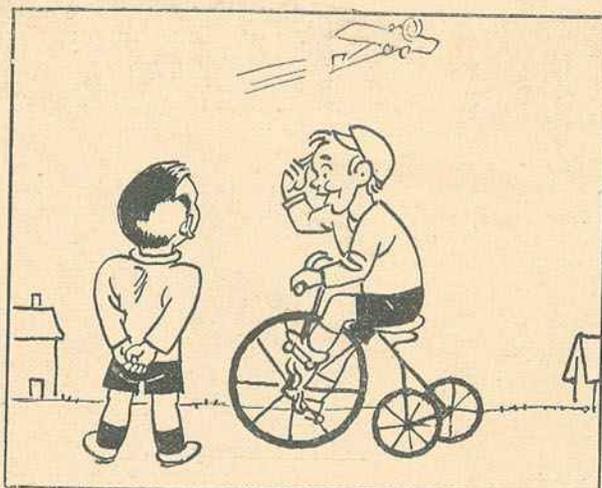
repleta de excelentes gravuras com aspectos da povoação e arredores, que honra quem promoveu a sua estampa: os srs. António Montez e Carlos de Lacerda.

O sr. Manuel Kopke publicou um livro que se enfileira na bibliografia colonial, mas deve ficar em lugar distinto dentro dela. Chama-se *No sertão de Africa* e é composto

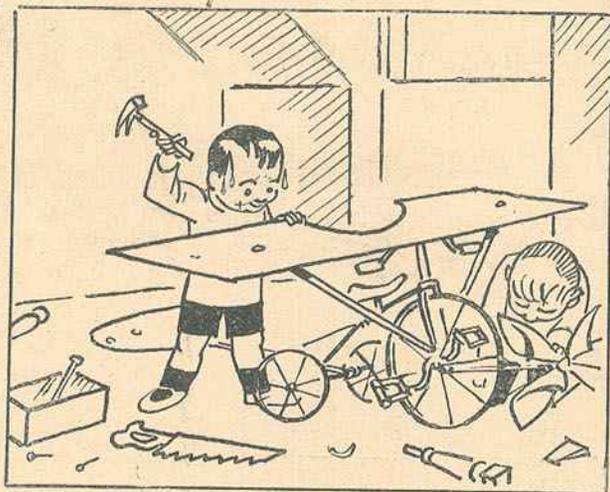


PÁGINA INFANTIL

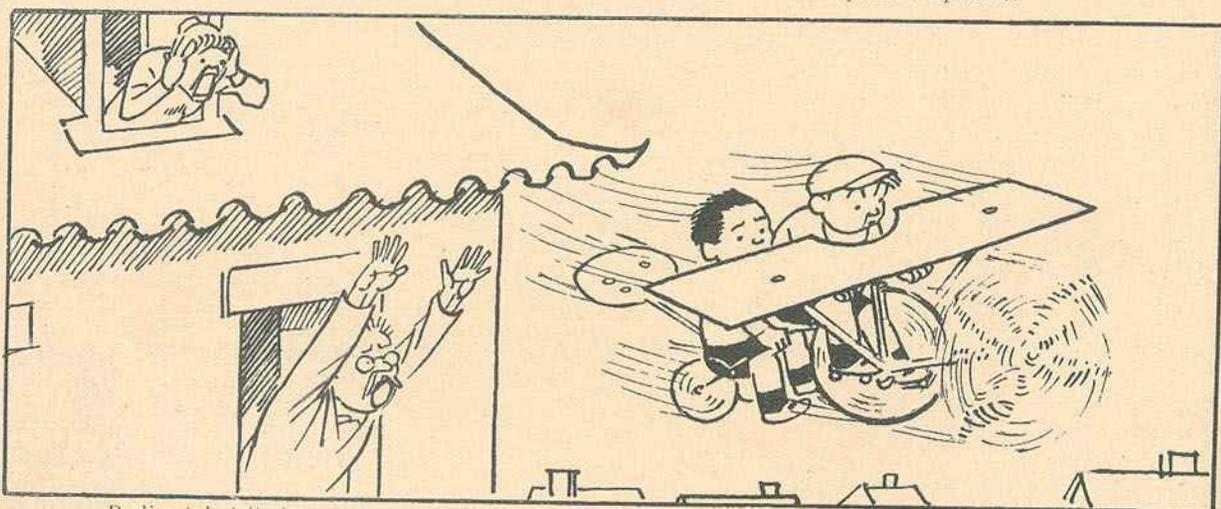
UM PLANO AÉREO OU UM AEROPLANO



— Andar de tricicle, ó mano,
já hoje não é bonito...
— Mano Artur, eu lenho um plano:
Fazer um aero-dito.

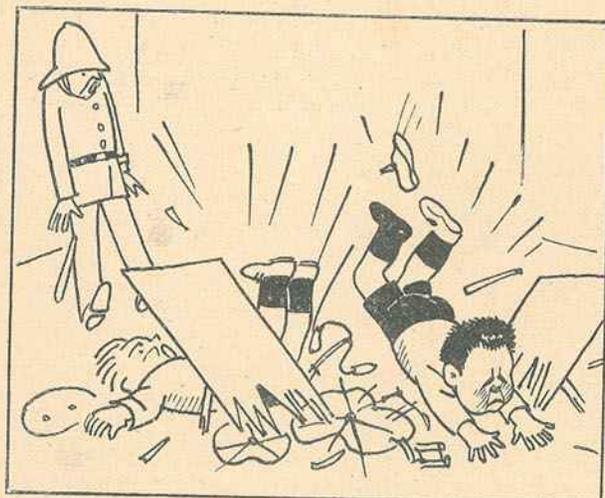


Pregos, martelo, energia,
As molas dum sofá velho
E — zás! — nesse mesmo dia
Ficou pronto o aparelho.

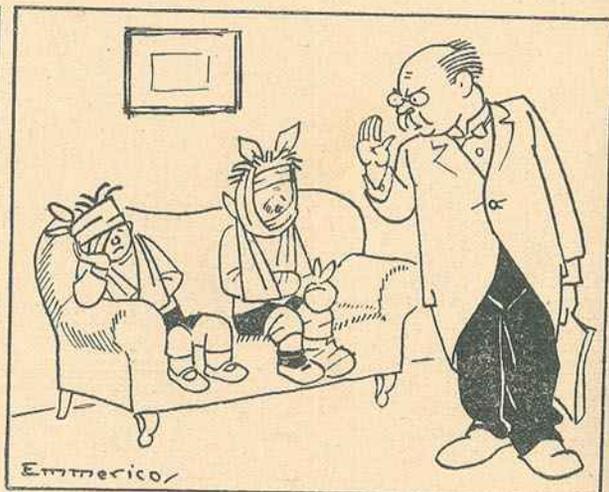


Desliza pelo telhado
Após um 'sfôrço titânico,
Por mestre Quím pilotado
Levando Artur por mecânico.

Vendo que o chão mais se acerca,
O Quím ao Artur implora:
— Vê se vê's terras d'Alverca
Ou areias da Amadora!



'Stava escrito!... Era fatal!...
O piloto e o engenheiro
Foram cair, por sinal,
Em frente dum sinaleiro.



Emmerico,

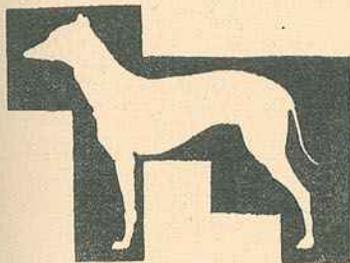
— Grandes cabeças no ar! —
Dizia o papá, zangado.
— Também já querem voar
Estes Beires... de telhado.



Passatempo

AS MANCHAS BRANCAS

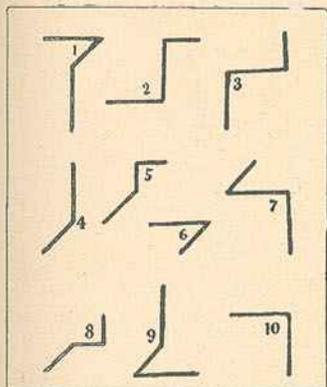
(Solução)



■ ■

RECONSTRUÇÃO

(Paciência)



Com estes dez fragmentos, unindo-os, reconstruir uma figura regular.

Nota. — Advertiremos, para mais facilidade, que na disposição em que se encontram, sem necessidade de dar volta a nenhum, se reconstrui a figura, alterando apenas a ordem em que estão os fragmentos.

MORTIFERO

O boticário dum terrinha pequena tinha-se farto de anunciar por toda a parte o seu invento de pó insecticida.

Um dia entra-lhe um homem pela loja dentro, muito excitado e gritando:

— Dê-me mais duzentas e cinquenta gramas do seu pó, depressa, faz favor.

— Ah! exclamou o boticário, enquanto tratava de satisfazer o pedido. — Fico bem satisfeito por lhe

agradar o pó. É bom, não é?

— É, — respondeu o freguez — tenho lá uma barata muito doente; se lhe der mais duzentas e cinquenta gramas do pó, morre com certeza.

■ ■

— Tôdas as noites antes de adormecer faço uma espécie de exame de consciência dos erros que cometi e tolices que disse durante o dia.

— Muito bem, muito bem. Mas nêsse caso, há de adormecer tardissimo!

■ ■

O pai: — Tenho desgosto em saber, meu filho, que tens dito algumas mentiras. Deve-se sempre falar verdade embora daí nos possam provir incômodos e sensaborias. Prometes-me que o farás?

O filho: — Prometo, sim, meu pai.

O pai: — Muito bem. Olha, vai vêr quem estará batendo daquela forma desabrida à nossa porta, e se fôr o senhorio diz-lhe que eu não estou em casa.

■ ■

— Vende-me aí um tostão de ostras?

— Com ou sem?

— Com ou sem o quê, homem?

— Perolas, freguez.



Delicado interesse pelas antiguidades.

A tia: — Quando saíres comigo, deixa estar que te hei-de ir mostrar o colégio em que andei quando era pequena, assim como tu.

A criança (com innocencia): — Oh! tia, êle ainda existe? Com certeza que está todo em ruínas não está?

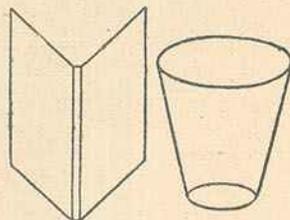
PALAVRAS CRUZADAS

(Solução)

A	B	R	A	C	A	D	A	B	R	A
B	R	U	T	O		O	R	A	I	S
E	I	S		M		M		E	T	A
L	O	S			C			N	O	S
		O		M	A	S		A		
V	A		S	O	R	I	A		I	R
I		S	I	D	O	N	I	O		E
E	L	E		A	L	A		R	A	Z
L	I	N	O		I		O	L	G	A
A	G	A	R		N		N	A	I	R
	A			A	L	A	M	O		L

■ ■

ILUSÃO OPTICA



Fixa-se um instante a vista nas figuras adjuntas, e ver-se-há como mudam de aspecto. O livro, por exemplo, parecerá, alternativamente, semi-fechado ou semi-aberto.



Onde estão os seis espectadores aqui escondidos?

BIBLIOGRAFIA ESTRANGEIRA

REGISTO BIBLIOGRÁFICO

GUIDO DA VERONA

SECÇÃO INGLESA

SECÇÃO FRANCESA

LITTERATURA

LITTERATURA

ROMANCES, CONTOS E NOVELAS

- BARRÈS (MAURICE) — *L'ennemi des lois*. 12 fr.
 CHAMPSAUR (FÉLICIEN) — *Les ailes de l'homme*. 12 fr.
 CHANTEPLEURE (GUY) — *Le Magicien*. 9 fr.
 CHESTOV (LÉON) — *Sur les confins de la vie*. Trad. de B. Schloezer. 20 fr.
 CHEVALIER (MAURICE) — *De Ménémontant au Casino de Paris*. 12 fr.
 COLETTE — *La Maison de Claudine*. 60 fr.
 DEKOBRA (MAURICE) — *Flammes de velours*. 9 fr.
 DOMINIQUE (PIERRE) — *Selon Saint Jean*. 12 fr.
 DUPONT (MARCEL) — *Gloire*. 12 fr.
 ÉMILIE-SOREL (ALBERT) — *Madame... mon banquier*. 10 fr. 80.
 ÉSTARVILLE (JACQUES) — *Diane aux abois*. 12 fr.
 FAURE-FREMIET (CH.) — *On en prend d'autres*. 10 fr.
 FORBIN (VICTOR) — *La Chanson du puits*. 9 fr.
 FRANK (LÉONHARD) — *M. Mager assassiné*. Trad. do alemão por Marguerite Gobat. 10 fr. 50.
 GENBACH (JEAN) — *Satan à Paris*. 12 fr.
 GINISY (PAUL) — *La Comédienne et les Trois Inconnus*. 9 fr.
 GRAUDOUX (JEAN) — *Églantine*. 12 fr.
 GROS (GABRIEL-JOSEPH) — *Le meilleur de sa vie*. 12 fr.
 JEROME (K.) — *Trois Hommes dans un bateau (pour ne rien dire du chien)*. Trad. de Henri Borissou. 7 fr. 50.
 LAVEDAN (HENRI) — *Monsieur Gastière*. 12 fr.
 LAZERME (CARLOS DE) — *La veuve de minuit*. 12 fr.
 LA BEAUCIE (ALBERT) — *Une résurrection*. 10 fr.
 LA MAZIÈRE (PIERRE) — *Israël sur la terre des ancêtres*. 9 fr.
 MALVIL (ANDRÉ) — *Septentrion*. 12 fr.
 MARTINON (SUZANE) — *Nous deux*. 12 fr.
 MAURICE-PARIJANINE — *La Fausse Mariée ou le Moulin sur l'Oprane*. 15 fr.
 MORAND (PAUL) — *Bouddha vivant*. 12 fr.
 MORAND (PAUL) — *Mr. U*. 20 fr.
 MONMOUTIER (MILLE DE) — *Eros chez le Bon Dieu*. 12 fr.
 MORTANE (JACQUES) — *La Chevauchée des mers: Blériot, Garros, Lindbergh*. 9 fr.
 MYLO (JULIETTE) — *Jusqu'à l'amour*. 12 fr.
 POSTAL (RAYMOND) — *Roman de l'Alsace*. 12 fr.
 PUAUX (RENÉ) — *La Femme du Rêve*. 12 fr.
 PETIT (CHARLES) — *La Chinoise qui s'émancipe*. 12 fr.
 PRETOT (E. DE) — *Le Sarcophage*. 12 fr.
 QUINEL (CHARLES) — *Frédéric Lecoq et ses six poules*. 12 fr.
 RAMON (ÉDOUARD) — *La Passion de Charlie Chaplin*. 9 fr.



Notável romancista italiano, com largo renome mesmo fora do seu país. Senhor de forte personalidade e dum talento multifacetado, nele obtém fúlgida expressão a sensualidade latina, temperada, porém, de muito sonho e lirismo. Escreveu já, entre outros livros, *L'amore che torna*; *Colei che non si deve amare*; *La vita comincia domani*; *La donna che inventò l'amore*; *Mimi Bluette, fiore del mio giardino*; *Sciogli la treccia, Maria Maddalena*. Poderemos, em breve, apreciá-lo em língua portuguesa, pois tôdas as suas obras mais célebres vão aqui aparecer em cuidadas traduções.

- RILKE (RAINER MARIA) — *Histoire du Bon Dieu*. 12 fr.
 RANDAN (ROBERT) — *L'Oeil du monde*. 15 fr.
 ROMIERE (GEORGES) — *Béatrice de Lamothe*. 12 fr.
 SOUPAULT (PHILIPPE) — *Le Cœur d'Or*. 12 fr.
 SAINT-GYNGNE — *Cordélia*. 12 fr.
 STIEBEL (NICOLE) — *Le Cœur en peine*.
 SZYK (ARTHUR) — *Le Juif qui rit*. 12 fr.
 THARAUD (J ET J.) — *La Rose du Saron*. 12 fr.
 TOUSSAINT (FRANZ) — *Le Printemps Meurtri*. 15 fr.
 TRACY (JACQUES) — *Julien parmi les femmes*. 12 fr.

TEATRO

- COOLUS (ROMAIN) — *Théâtre, T. IX — L'Éternel Masculin. L'Enfant Malade*. 12 fr.
 DEVAL (JACQUES) — *Dans sa candeur naïve*. 3 actes. 12 fr.
 DEVAL (JACQUES) — *La Rose de septembre*. 3 actes. 9 fr.
 INCLAN (RAMON DEL VALLE) — *Divines Paroles*. 20 fr.
 ROLLAND (ROMAIN) — *Théâtre de la Révolution. (Le 14 Juillet, Danton, Les Loups)*. 12 fr.

ENSAIOS E CRÍTICA

- AMIEL (HENRI-FRÉDÉRIC) — *Fragments d'un Journal Intime*. 30 fr.
 BOUCHOR (MAURICE) — *La vie Profond*. 19.^e Siècle. 10 fr.
 BALDENSPERGER (F.) — *Orientations étrangères chez Honoré de Balzac*. 40 fr.
 BENOIT-LÉVY (N. E.) — *Sainte-Beuve et Madame Victor-Hugo*. 10 fr.

ROMANCES, CONTOS E NOVELAS

- BARRY (CHARLES) — *The witness at the window*. 3 s. 6 d. II.
 CALTHROP (DION CLAYTON) — *Hyacinth*.
 CHER (MARIE) — *The Door Unlatched*.
 COHEN (LESTER) — *Sweepings*.
 CONAN DOYLE (ARTHUR) — *The Case-Book of Sherlock Holmes*.
 COX (A. B.) — *Mr. Priestley's Problem*.
 CRONIN (BERNARD) — *Red Dawson*.
 EIKER (MATHILDE) — *Mrs. Mason's Daughters*.
 HARDING (D. C. F.) — *The Family Coach*.
 HORN (KATE) — *The Verger*.
 HORTON (ROBERT J.) — *Rovin' Redden*.
 MAUTHNER (FRITZ) — *Mrs. Socrates*.
 MEYNELL (LAURENCE) — *Lois*.
 QUEUX (WILLIAM LE) — *The Chameleon*.
 SMITHSON (A. M. P.) — *These things*.
 SPRIGGE (ELIZABETH) — *A Shadowy Third*.
 TYNAN (KATHARINE) — *The face in the picture*.
 WHITE (ETHEL LINA) — *The wish-bone*.

ENSAIOS E CRÍTICA

- DAGGET (MABEL POTTER) — *Marie of Roumania*.
 PALACHE (JOHN GARBER) — *Gautier and the romantics*. 10 s. 6 d. II.

MORAL, FILOSOFIA E RELIGIÕES

- JORDAN (G. J.) — *A short psychology of religion*. 3 s. 6 d. II.
 PERRIN (FLEMING ALLEN CLAY) e DAVID BALLIN KLEIN — *Psychology. Its methods and Principles*. 8 s. 6 d. II.

Tôdas as obras desta secção que não indicam preço adiante de cada uma, são a 7 s. 6 d. II.

«MUNDO IBÉRICO» E OUTRAS REVISTAS

Mundo Ibérico é uma nova revista quinzenal, editada em Barcelona e dirigida pelo sr. Mário Verduguer. Temos presentes os seus dois números primeiros, marcando já o segundo um grande progresso gráfico sobre o inicial. É nos particularmente agradável sandá-la, por vermos o relevo que nela alcançam os assuntos respeitantes a Portugal e ao perfeito entendimento dos dois povos peninsulares. Valorizam-na esplêndidas gravuras e uma colaboração variada e selecta. Votos fazemos pela sua longa e crescente prosperidade.
The Indo-Portuguese Review: recebemos um tomo desta revista, referida a 1926-1927. Edição de *The Indo-Portuguese Association*, de Calcutta, nas suas páginas, redigidas na sua maioria em inglês, ev cam-se muitas das glórias do Portugal antigo e focam-se diversos acontecimentos e figuras da actualidade.
 O último número de *Il Turismo en Italie* trata especialmente da região de Abruzzo e dos Alpes Italianos, dando-nos, em nitidas gravuras, alguns dos aspectos mais bellos dessas paisagens.
A Revista Diplomática, escrita em língua espanhola e que, como se deduz do título, se dedica a assuntos consulares e política internacional: fax referências, num dos seus recentes fascículos, a D. Eduino de Mora e á conferência por este distinto diplomata prof rida em Lisboa, com tanto brilho de forma e idea.

As livrarias ALLAUD e BERTRAND dão gratuitamente tôdas as informações às consultas bibliográficas que lhes sejam feitas e fornecem todos os livros nacionais e estrangeiros, sendo estes vendidos ao câmbio do dia

ASSINATURAS DA "ILUSTRAÇÃO"

	Trimestre	Semestre	Annual		Trimestre	Semestre	Annual
CONTINENTE E ILHAS...	22\$00	44\$00	88\$00	ESPAÑA	24\$00	48\$00	90\$00
Exemplares registados...	25\$00	50\$00	100\$00	Exemplares registados...	27\$00	54\$00	108\$00
AFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL	25\$00	50\$00	100\$00	ESTRANGEIRO	32\$00	64\$00	128\$00
Exemplares registados...	27\$50	55\$00	110\$00	Exemplares registados...	37\$00	74\$00	148\$00
INDIA, MACAU E TIMOR	27\$00	54\$00	108\$00				
Exemplares registados...	30\$00	60\$00	120\$00				

ÊSTES PREÇOS SÃO TODOS EM ESCUDOS PORTUGUESES

O LIVRO DE BÉBÊ

Livro Util e Indispensavel
às Noivas, às Mães, às Avós



VERSOS DE DELFIM GUIMARÃES
ILUSTRAÇÕES DE RAQUEL ROQUE GAMEIRO OTTOLINI

Grande Edição Ilustrada

Temas: O Nascimento, O peso da criança, O primeiro passeio, O registo, O batizado, O primeiro sorriso, O vestido de meio curto, O primeiro dente, A vacina, A primeira papinha, As primeiras passadas, Os primeiros sapatinhos, A primeira palavra, Os amiguinhos, A cor dos cabelos, Os presentes do primeiro aniversário, A oração, O retrato, A altura, As primeiras lições.

Pedidos aos Depositarios

LIVRARIAS AILLAUD & BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75

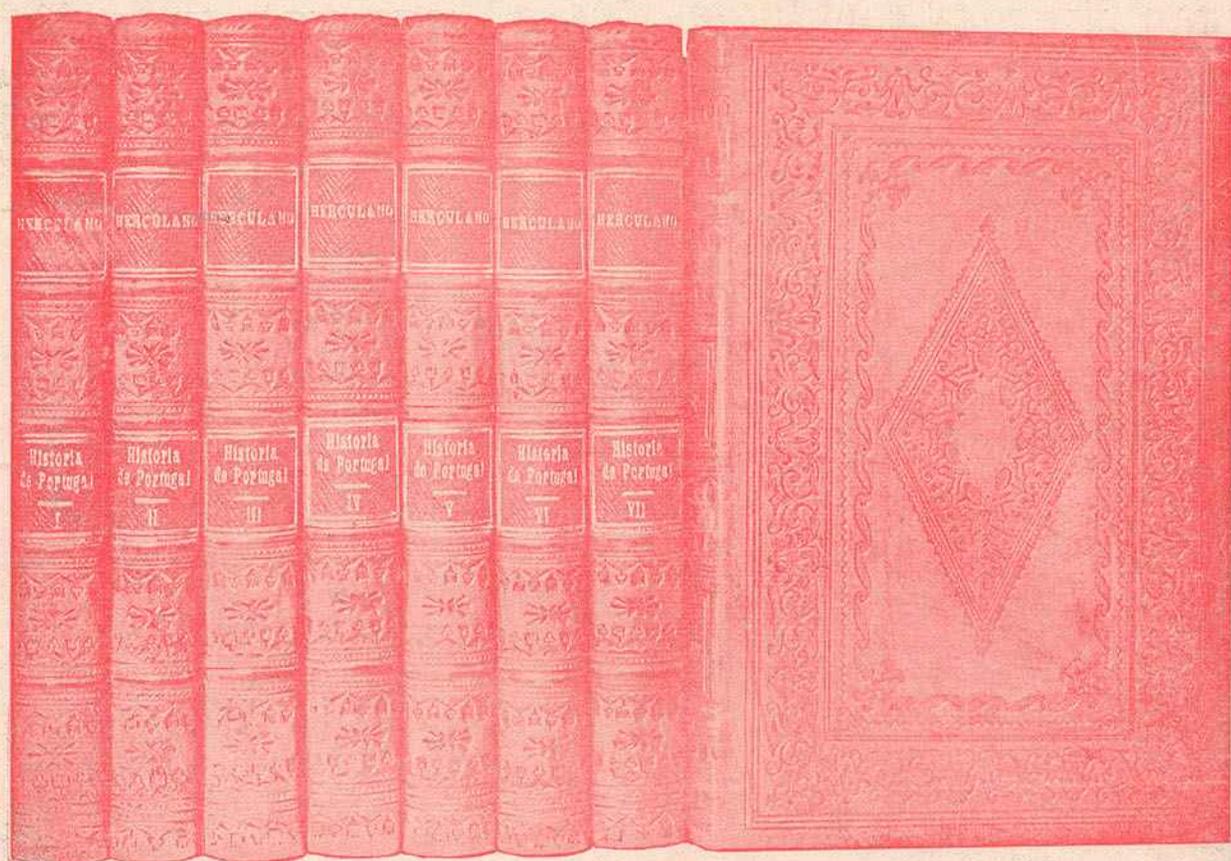
LISBOA

HISTORIA DE PORTUGAL

POR

ALEXANDRE HERCULANO

EDIÇÃO ILUSTRADA



em 8 volumes no formato 12×18, impresso em esplendido papel, publicando-se um volume mensal

SAÍU EM AGOSTO O VOLUME III

POR ASSINATURA: o pagamento aos tomos faculta a quem o desejar, a aquisição desta obra monumental, pouco a pouco, sem qualquer encargo pesado.

CONTINENTE E ILHAS—incluindo despesas de correio, cobrança e embalagem, cada volume em brochura Esc. 10,00

Idem encadernado em percalina com ferros especiais e letras a ouro Esc. 14,00

Idem, encadernado em carneira gra-

vada, à antiga portuguesa, com folhas pintadas, a encarnado. Esc. 25,00

COLÓNIAS PORTUGUESAS—Pagamento adiantado—Incluindo despesas de correio, cobrança e embalagem, os mesmos preços do Continente e Ilhas.

OS PEDIDOS DE ASSINATURAS DEVEM SER DIRIGIDOS AOS EDITORES

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND—73, Rua Garrett, 75—LISBOA